

PORTVGALIAE  
MONVMENTA NEOLATINA  
VOL. XVI

D. JERÓNIMO OSÓRIO

OPERA OMNIA

TOMO III

COMENTÁRIOS  
AOS PROVÉRBIOS  
DE SALOMÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PORTVGALIAE  
MONVMENTA NEOLATINA

Coordenação Científica

A P E N E L  
Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos



A P E N E L

## **COORDENAÇÃO CIENTÍFICA**

Associação Portuguesa de Estudos Neolatinos - APENEL

## **DIREÇÃO**

Sebastião Tavares de Pinho, Arnaldo do Espírito Santo,  
Virgínia Soares Pereira, António Manuel R. Rebelo,  
João Nunes Torrão, Carlos Ascenso André,  
Manuel José de Sousa Barbosa

## **COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Maria João Padez de Castro

## **EDIÇÃO**

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Email: imprensa@uc.pt  
URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

## **CONCEÇÃO GRÁFICA**

António Barros

## **PRÉ-IMPRESSÃO**

Bookpaper

## **IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Sersilito

## **ISBN**

978-989-26-0988-1

## **ISBN DIGITAL**

978-989-26-0989-8

## **DOI**

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0989-8>

## **DEPÓSITO LEGAL**

292459/09

## **APOIOS**



PORTVGALIAE MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XVI

D. JERÓNIMO OSÓRIO  
OPERA OMNIA

TOMO III

COMENTÁRIOS  
AOS PROVÉRBIOS  
DE SALOMÃO

ESTABELECIMENTO DO TEXTO LATINO

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO  
ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO



## NOTA PRÉVIA DO TRADUTOR

Dando continuidade ao ambicioso projeto da edição dos *Opera Omnia* de D. Jerónimo Osório, apresentamos agora, como 3.º tomo da série, o texto latino, devidamente fixado, e tradução dos *Commentaria in Parabolas Salomonis*, obra póstuma, cuja 1.ª edição saiu no tomo III da edição que, em Roma, no ano de 1592, o cónego Jerónimo Osório Júnior fez da totalidade do espólio literário latino do seu ilustre tio homónimo. Tal como sucedeu com o 1.º volume desta série osoriana, a que coube o 4.º lugar nos *Portugaliae Monumenta Neolatina*, acatei também agora o conselho do Professor Pinho, de prosseguir a minha, já relativamente longa, empresa de recuperação do espólio literário do Cícero Lusitano, através da tradução, feita *ex professo* para esta coleção, de obras não só póstumas, mas que ainda não tinham sido anteriormente por mim traduzidas e editadas. Tal como daquela feita, coube agora também a vez à exegese que Osório realizou de um dos chamados ‘livros sapienciais’ da Bíblia, com a diferença de que, formalmente, a obra que aqui se apresenta, e cingindo-me ao critério adotado pelo sobrinho-editor, se integra no subgénero dos “comentários”.<sup>1</sup>

Infelizmente, falecem-nos quaisquer informações, tanto internas como externas, que nos permitam datar com alguma certeza a época e circunstâncias de redação desta obra, seguramente merecedora de maior atenção do que o quase total silêncio a que foi remetida pelos críticos e estudiosos durante exatamente quatro centúrias, pois data precisamente de 1992 o estudo de M. Augusto Rodrigues, intitulado “O livro dos *Provérbios* na interpretação exegética de D. Jerónimo Osório. Aspectos filológicos”,<sup>2</sup> no qual, embora de forma sumária e numa perspetiva

---

<sup>1</sup> Para a definição desta variedade de literatura exegética e mais desenvolvida visão e contextualização da atividade osoriana neste domínio, deverá o leitor consultar as pp. 51-53 da minha Introdução a: D. Jerónimo Osório, *Opera Omnia. I. Paráfrases a Job e à Sabedoria de Salomão*, volume IV da coleção *Portugaliae Monumenta Neolatina*, Coimbra, Imprensa da Universidade / Universidade do Algarve, 2009.

<sup>2</sup> Publicado na revista *Humanitas* 43-44 (1991-1992), pp. 343-354.

confessadamente limitada, mesmo assim se chama a atenção para a importância real dos *Comentários aos Provérbios de Salomão* e o injusto descaso a que haviam sido votados. Nem na *Vita* nem no prefácio-dedicatória ao cardeal bolonhês Gabriel Paleotti faz o sobrinho-editor qualquer referência às motivações ou ensejo que estiveram na origem deste longo e por vezes eloquente texto do seu tio e protetor. É certo que, quem estiver medianamente ciente dos graves conflitos que opuseram o bispo do Algarve a algumas das personagens determinantes do reinado de D. Sebastião, talvez sinta a tentação de ver alusões e até frechadas diretas em muitas das passagens destes *Comentários*, nas quais o nosso Autor, com a sua usual truculência e cachoante indignação, arremete amiúde, não apenas contra os áulicos lisonjeiros e ruins conselheiros dos reis, mas igualmente contra os próprios reis pouco atilados na correta escolha dos seus colaboradores e remissos no cumprimento dos seus deveres, secundarizados perante o desejo de satisfazer apetites e paixões pouco congruentes com a dignidade régia.

De facto, além da exposição, glosa, paráfrase e anotações do texto propriamente salomónico, e ultrapassando as raias de um texto pura e exclusivamente de exegese bíblica, estes *Comentários* espraiam-se, com a sólita eloquência, por um feixe de temas que são transversais à quase totalidade da obra osoriana: educação e atuação do rei; sátira dos lisonjeiros; crítica feroz dos demagogos; insânia das turbas; verdadeira sabedoria. Ligado com esta temática, o Autor concede, neste livro, particular e interessante desenvolvimento à experiência mística,<sup>3</sup> matéria que talvez mereça um estudo mais aprofundado, que deverá tomar também em consideração o que acerca do mesmo assunto escreveu no *In Haddonum* e no *De uera sapientia*.<sup>4</sup> Finalmente, novidade em relação a outras obras de pendor teológico, já por mim traduzidas, é a veemência apaixonada com que a figura da Virgem Maria surge tratada neste livro, de que é bom exemplo o belíssimo hino de glória à Mãe de Cristo com que a obra finaliza.

Quanto à parte formal, notamos, em primeiro lugar, uma das características mais típicas do estilo osoriano, que é a necessidade de entrar em diálogo com um opositor ou questionador imaginário, desse modo conseguindo conferir não pequena vivacidade a matérias arriscadas a sossobrar num imenso mar de monotonia. Em segundo lugar, e em referência à linguagem propriamente dita, tratando-se de obra póstuma, é natural que vez ou outra, mas rara, se note algum enleio ou descuido de linguagem, resultado da falta da derradeira demão, que certamente acepilharia e desbastaria as rebarbas que uma primeira e corrida escrita sempre deixa, mesmo quando, tal o caso de Osório em relação ao latim ciceroniano, o escritor domina como poucos o instrumento do seu ofício. No

---

<sup>3</sup> Vd. colunas 908-9.

<sup>4</sup> Vd. pp. 364-5 do 2.º tomo da nossa obra *Humanismo e Controvérsia Religiosa*, Lisboa, INCM, 2006, onde transcrevemos e traduzimos os passos osorianos relativos a este ponto.

geral, porém, a linguagem apresenta-se correta, frequentes vezes brilhante e, embora com relativa raridade, desata-se ocasionalmente em deslumbrantes arrojados e aquilinos voos de estilo.

Para a fixação do texto latino, foi feita a colação das duas edições conhecidas: a que faz parte da supramencionada obra completa (*Opera Omnia*, tomo III, col. 657-950), publicada em Roma em 1592, e a 2.<sup>a</sup> edição saída autonomamente em Antuérpia, Martinus Nutius, em 1596, ambas da responsabilidade do sobrinho e homónimo de Jerónimo Osório, e cujas variantes, aliás reduzidas, vão assinaladas em lugar próprio.

Lembro, enfim, que na tradução portuguesa dos textos da *Vulgata* citados por Osório, servi-me, salvo casos excepcionais, da modelar versão de António Pereira de Figueiredo, que aliás neste caso particular dos *Provérbios* de Salomão tem para mim um especial gosto familiar, pois desde bem jovem me acostumei a lê-los numa edição avulsa, que ainda conservo comigo, publicada na penúltima década do século XVIII, e que fazia parte da biblioteca do meu bisavô Villela, em Barbudo (Vila Verde, Braga), tendo antes pertencido, como se depreende da assinatura que consigna, a seu ilustre irmão o reverendo Dr. José António da Costa Machado Villela, cónego da primacial sé bracarense e licenciado em Direito, pela Universidade de Coimbra, onde foi condiscípulo e amigo do poeta luso-brasileiro Gonçalves Crespo.

Cumprimo-me registar um agradecimento muito particular ao exímio hebraísta Professor Doutor Manuel Augusto Rodrigues, pela sua colaboração, com a análise, fixação e transcrição do abundante vocabulário hebraico que D. Jerónimo Osório apresenta ao longo deste comentário bíblico.

Não posso concluir sem endereçar uma palavra de especial gratidão ao Professor Sebastião Tavares de Pinho, que com insuperável e contínua generosidade me tem ajudado como amigo, e iluminado como mestre, mitigando em grande medida as imensas dificuldades que inçam o caminho de quem se entrega ao campo de estudos, que é o nosso, vivendo no coração da selva amazónica: bem haja!

Manaus, 11 de junho de 2014.

# TEXTO E TRADUÇÃO



[657-658]

ILLVSTRISSIMO ET SAPIENTISSIMO PATRI  
GABRIELI PALAEOTO  
S. R. E. CARDINALI

HIERONYMVS OSORIVS NEPOS

Cum rerum omnium ea sit condicio ut, breui temporis spatio circumscriptae, quasi confectae senio concidant, minime mirandum est si omni praesidio urbes munitissimae ita corruerint ut illarum uix aliquod monumentum appareat, quod enim erat naturae debitum persoluerunt. Illud uero esset omni admiratione dignum si haec nostra condicio, temporis uicissitudini obnoxia, tantis opibus fulciatur ut nulla temporis longitudo et iniuria eam de statu dimouere possit. Sic enim immortalitatem quamdam consecuta fuisse uideretur. Quod quam raro contingat, Syriae et Phoeniciae urbes, priscis temporibus imperio et doctrinae opinione florentes, breui e post omnium obliuione contritae declarant. Athenae, Corinthus, Magna Graecia in Italia, sempiterna obliuione obrutae, testantur omnia, licet sint summis opibus stabilita, aetate consumi. Verum, etsi haec rerum humanarum uarietas et mutatio ab ipsa natura proficiscatur, quae motu suo semper cietur et agitur, non tamen tantam uim haberet ut eas ita labefactaret ut etiam ex hominum memoria deleret, nisi ea fuisset hominum mens libidine obcaecata ut sapientiae studio diuitias, imperium et gloriam, fallaci quadam uirtutis specie animis blandientem, praeferrent. Diuinum enim quiddam et immortale sapientia continet, quod temporis diurnitati minime cedit, adeo ut, cum illarum gentium imperia, quae ante Romanam Rempublicam floruerunt, sint in nihilum redacta, urbes illae, quae tunc sapientiae laude praestabant, nunc etiam aliquam [665, **alias 659-660**] nominis auctoritatem retineant, eos enim, qui praeclaris disciplinis animos excolunt, ab obliuionis tenebris sapientiae splendor uindicat. Quamuis enim nationes illae numquam tam exitiales exitus haberent si eo quo coeperant conatu in sapientiae studium incumberent, quia tamen in eo studio per aliquod tempus praeclare se gesserant, non sunt ex hominum memoria penitus euulsae. Illarum quidem gloria, imperium et eruditio tenebris conticescit, at tamen nomen in hominum memoria uiget.

[657-658]

JERÓNIMO OSÓRIO, SOBRINHO,  
AO ILUSTRÍSSIMO E SAPIENTÍSSIMO PADRE  
GABRIEL PALEOTO<sup>5</sup>  
CARDEAL DA SANTA IGREJA ROMANA

Sendo tal a condição de todas as coisas que, limitadas por um breve período de tempo, como que destruídas pela velhice, acabam por sucumbir, não é de pasmar se as cidades fortificadas com toda a sorte de recursos defensivos de tal modo caem que dificilmente aparece algum vestígio delas, pois pagaram o que deviam à natureza. E seria algo merecedor de todo o espanto se esta nossa condição, sujeita às vicissitudes do tempo, estivesse fortificada com recursos tão poderosos que nenhuma longa duração ou agressão do tempo fossem capazes de movê-la da sua situação. De facto, se assim sucedesse, daria visos de que obtivera alguma espécie de imortalidade. O quão raramente isto acontece mostram-no as cidades da Síria e da Fenícia, que em épocas antigas floresceram em poderio e crédito de saber, e pouco depois foram tragadas pelo geral esquecimento. Atenas, Corinto e a Magna Grécia, na Itália, enterradas em perpétuo olvido, provam que o tempo devora todas as coisas, mesmo que estas se tenham apoiado nas mais robustas escoras. Na verdade, embora esta inconstância e mudança das coisas humanas proceda da própria natureza, que é incessantemente impelida e agitada pelo seu movimento, todavia não teria um tão grande poder, capaz de abalá-las a ponto de suprimi-las da lembrança dos homens, se o entendimento destes não tivesse sido cegado por um tão forte apetite irracional que ao amor da sabedoria antepõem as riquezas, o poder e a glória, que seduz as almas com uma enganosa aparência de virtude. É que a sabedoria encerra em si o quer que é de divino e imortal, que não cede diante da longa duração do tempo, em tal medida que, embora tenham ficado reduzidos a nada os impérios daqueles povos que floresceram antes da república romana, aquelas cidades que então se avantajavam pelo renome da sabedoria, ainda hoje conservam [659-660] algum nome prestigioso, uma vez que o resplendor da sabedoria resgata das trevas do esquecimento aqueles que cultivam o espírito com as ciências mais elevadas. É que, conquanto aquelas nações nunca viessem a acabar de modo tão funesto se se tivessem dedicado ao amor da sabedoria com aquele empenho com que começaram, todavia, porque durante algum período de tempo se consagraram a este amor de forma notável, não foram completamente expungidas da memória dos homens. Sendo verdade

---

<sup>5</sup> Bolonhês, cuja vida decorreu entre 1522 e 1597, desempenhou o cargo de bispo (desde 1566) e depois arcebispo (a partir da 1582) da sua cidade natal. É hoje sobretudo conhecido pelo *Discorso intorno alle immagini sacre e profane*, obra em que estabelece as diretivas a que deveriam cingir-se as obras dos artistas católicos pós-tridentinos.

Com efeito, diz:

## CAPÍTULO VII

1. *Filho meu, guarda as minhas expressões e esconde dentro de ti os meus preceitos.* 2. *Filho, observa os meus mandamentos, e viverás; e guarda a minha lei como a menina do teu olho.*

Na verdade, assim como nos nossos sentidos nenhum é mais excelente do que o da vista, assim nada existe em todo o corpo que a natureza tenha defendido com maior providência e cuidado. É que os olhos estão protegidos pelas pálpebras, que, sempre que é preciso, para repelirem da pupila tudo que é nocivo, acorrem em seu auxílio com tamanha rapidez que dificilmente pode sobrevir alguma coisa que cause dano aos olhos. Por conseguinte, não pode expor melhor o preceito da diligência com que se deve observar a lei do que através da comparação com o que, por instinto natural, fazemos, defendendo a vista com um movimento de proteção repentino.

3. *Traze-a atada aos teus dedos, escreve-a nas tábuas do teu coração.*

Nos dedos colocamos os sinais daquela coisa que queremos confiar à memória e guardamos no coração o que desejamos conservar na memória. Por conseguinte, o Sábio pretende que pensemos incessantemente sobre a lei divina, que por todos os modos nos esforcemos e desvelemos por que jamais das nossas almas desapareçam aquelas coisas nas quais assenta a nossa salvação.

4. *Dize à sabedoria: “Tu és minha irmã”, e chama à prudência a tua amiga.* 5. *Para que te guarde da mulher estranha e da albeia, que adoça as suas palavras.*

Incute de novo o mesmo receio e do mesmo passo mostra quão grande proteção da sabedoria e da prudência se fazem mister para esquivar um perigo de tamanhas dimensões. De facto, é muitíssimo difícil fazer frente ao desejo de prazer, que está implantado na natureza, e o dever da virtude perfeita é resistir às blandícias com que as mulheres despejadas atizam o incêndio da sensualidade. Razão pela qual aconselhou que sempre designemos a sabedoria como irmã e a prudência como amiga e parente: a saber, para que, protegidos pela sua guarda, afastemos das nossas cabeças ardis tão mortíferos.

Por outro lado, quase nos põe à frente dos olhos e com muita propriedade dá a conhecer a linguagem da mulher perdida, jungida a letais seduções.

[6.] *De fenestra enim domus meae per cancellos prospexi; [7.] et uideo paruulos, considero uecordem iuuenem [8.] qui transit per plateas iuxta angulum et prope [722] uiam domus illius graditur.*

Sapientis est perditos etiam mores hominum mente ad praecauendum percipere et omnia quae uersantur in uita considerare, ut melius sapientiae fructum, qua est ex tantis laqueis expeditus, recognoscat, et quam sit obstrictus Diuinae gratiae, qua ex tam multis periculis emerit, intelligat. Fenestra uero, ex qua Sapiens uagos ingressus perditae iuuentutis prospicit, est intima cogitatio, et exterioris etiam sensus intentionem, qua se ipsum ad flagitiorum recordationem erigit, “cancellos” appellat. Dicit uecordem iuuenem incedere prope angulum domus illius. Cuius? Illius certe quam extraneam et alienam nominauit. Quorsum? Vt illam precibus ad consensum turpissimae uoluptatis alliceret? Vt de uulnere, quo erat ictus, querimoniam haberet, ut cum lacrimis etiam misericordiam imploraret? Nihil opus fuit, ipsa namque illi ultro occurrit, ut incensam cupiditatem multo acrius inflammaret. Sed, quo tempore adolescens uagari coepit, est animaduertendum.

[9.] *In obscuro, aduesperascente die, in noctis tenebris et caligine.*

Tempus uariis modis describit, ut explanet iuuenis amentis in flagitii meditatione perseuerantiam. Nam, a principio noctis ad mediam noctem, exspectans tenebras et caliginem, occultandis impuritatibus opportunam, uagabatur.

[10.] *Et ecce occurrit illi mulier ornatu meretricio, praeparata ad decipiendas animas, garrula et uaga, [11.] quietis impatiens, nec ualens in domo consistere pedibus suis.*

Graphice depingit perditae mulieris leuitatem, qua se proiicit; perfidiam qua a marito deficit; inconstantiam, qua quietem nullo modo patitur.

[12.] *Nunc foris, nunc in plateis, nunc iuxta angulos insidians.*

Instigante libidine ruit, ut uenetur imperitum adolescentem; deinde se proiicit, ut tam illi quam sibi pestem machinetur.

[13.] *Apprehensum deosculatur iuuenem, et procaci uultu blanditur, dicens.*

6. *Porque desde a janela da minha casa me tenho posto a olhar por entre as grades, 7. e vejo os incautos, considero a um mancebo insensato, 8. que passa pela rua junto da esquina, [722] e pelo pé da casa daquela, anda,*

É próprio do sábio conhecer, para precaver-se, até os costumes perversos dos homens e considerar tudo que acontece na vida, a fim de conhecer melhor o fruto da sabedoria, com a qual se liberta de tantos laços, e compreender o quanto deve à graça divina, mediante a qual saiu ileso de tão numerosos perigos. Ora, a janela a partir da qual o Sábio observa os passos levianos da mocidade perdida, é a reflexão interior, e também designa por “grades” a atenção dos sentidos exteriores, com a qual se incita a si mesmo para lembrar-se das infâmias. Diz que o mancebo insensato caminha perto da esquina da casa dela. De quem? Certamente daquela que designou por estranha e alheia. Com que fim? Para seduzi-la com os seus rogos a consentir na torpíssima deleitação? Para que sentisse pesar pela ferida com que o golpeara? Para até com lágrimas lhe implorar compaixão? Nada disso foi necessário, pois ela espontaneamente correu para ele, por forma a inflamar com muito maior intensidade a sensualidade ateadada. Mas deve reparar-se no momento em que o moço começa a vaguear.

9. *sendo já escuro, quando o dia se vai acabando nas trevas e obscuridade da noite.*

Descreve por vários modos o momento para dar a conhecer a perseverança do moço na preparação da infâmia. É que vagueava desde o começo até ao meio da noite, à espera das trevas e obscuridade, propícias para ocultar a devassidão.

10. *E eis que lhe sai ao encontro esta mulher, ornada à moda das prostitutas, prevenida para caçar as almas, faladora e andeja, 11. não lhe sofrendo o coração estar queda nem podendo ter os pés dentro em casa.*

Pinta com esmero a leviandade com que a mulher perdida se abalança; a perfídia, com que trai o marido; a inconstância, que de modo algum lhe permite estar quieta.

12. *Pondo-se de emboscada, umas vezes fora, outras nas praças, outras às esquinas;*

Atiçada pela sensualidade, lança-se à caça do moço inexperiente; em seguida, avança, por forma a urdir a perdição tanto dele como dela.

13. *e tendo mão num mancebo, o beija, e com uma cara sem vergonha lhe faz carícias, dizendo:*

Orationem audiamus, an moribus et uitae respondeat:

[14.] *Victimas pro salute deuoui, hodie reddidi uota mea.*

Religiosam mulierem, quae tanto studio properauit ut nuncupata uota persolueret! Sed uideamus quam sancte susceptam religionem tueatur:

[723] [15.] *Iccirco egressa sum in occursum tuum, desiderans te uidere et reperi.*

Præclaram rationem sacrificiorum assignat, docet enim se causa libidinis impurissimae uota fecisse. O sacrificium acceptissimum, non Deo, sed Furiis atque amoribus turpissimis oblatum maximeque dignum quod ad se omnes inferos manes eliceret!

[16.] *Intexui funibus lectulum meum, strauitapetibus pictis ex Aegypto; [17.] aspersi cubile meum myrrha, et aloe, et cinnamomo.*

Quam elaborato libidinis inuitamento cupit placere adolescenti perditissimo et quibus odoribus sensum auertere, ne metuat pestilentem taeterrimae serpentis afflatum?

[18.] *Veni, inebriemur uberibus, et fruamur cupitis amplexibus donec illucescat dies.*

Hic fortasse potuisset iuuenis tardior esse ad explendam libidinem, propter metum poenae adulterio constitutae. Vt nihil igitur obstare possit libidini, metum omnem tollit. Ait enim:

[19.] *Non est enim uir in domo sua, abiit uia longissima.*

Libidinosa mulier una nocte contenta esse non potest et ideo regionem, in quam uirum profectum esse narrat, nimis longinquam asserit. Quod ut magis abstergendi metus gratia confirmet, adiungit:

[20.] *Sacculum pecuniae secum tulit; in die plenae lunae reuersurus est in domum suam.*

Ouçamos as suas palavras, para ver se correspondem aos seus costumes e teor de vida:

14. *Pela tua saúde ofereci vítimas, hoje dei cumprimento aos meus votos;*

Oh religiosa mulher, que com tamanha diligência se deu pressa para cumprir os votos prometidos! Mas vejamos com quão grande santidade honra a obrigação que assumiu:

[723] 15. *por isso te saí ao encontro, desejando ver-te, e eis que te achei.*

Indica o preclaro motivo dos sacrifícios, pois mostra que fez promessas que tinham como causa a impuríssima sensualidade. Oh sacrifício mui aceito, oferecido, não a Deus, mas às Fúrias e amores infamíssimos e totalmente digno de chamar a si todos os espíritos infernais!

16. *Fiz sobre cordões a minha cama, cobri-a com colchas bordadas do Egito; perfumei a minha câmara de mirra e de aloé e de cinamomo.*

Com quão sofisticados engodos da sensualidade deseja agradar ao perdidíssimo mancebo e com que essências aromáticas desviar-lhe a atenção para que não sinta receio do bafo pestilento da terribilíssima serpente!

18. *Vem, embriaguemo-nos de amores e gozemos dos abraços desejados até que amanheça o dia.*

Aqui é possível que o jovem tivesse podido mostrar-se mais tardo em dar livre curso à sensualidade, devido ao medo à pena imposta ao adultério. Por conseguinte, para que nada possa obstar à sensualidade, suprime toda a espécie de receios. Com efeito, diz:

19. *Porque o meu marido não está em sua casa, foi fazer uma jornada muito dilatada.*

A mulher libidinosa não pode contentar-se com uma única noite e por isso afirma que a região, para onde conta que o marido se deslocara, ficava muitíssimo longe. Para confirmar isto e a fim de dissipar o medo, acrescenta:

20. *Levou consigo um saquitel de dinheiro; lá para o dia de lua cheia é que há de voltar a sua casa.*

Signum erat, cum pecuniam non mediocrem attulisset, illum rei strenue gerendae gratia iter illud suscepisse quod non exiguo tempore fieri poterat. Maxime uero cum is diem, ad quem erat rediturus, condixisset. Quam facile uero sit hominem labentem in imum detrudere, id quod statim sequitur aperte declarat:

[21.] *Irretiuit eum multis sermonibus, et blanditiis labiorum protraxit illum.*  
 [22.] *Statim eam sequitur quasi bos ductus ad uictimam, et quasi agnus lasciuiens; et ignorans quod ad uincula stultus trabatur:* (uel sic: Et tamquam insanus, cui uincula sunt iniecta, ne libere ruat, incedit. ) [23.] *donec transfigat sagitta iecur eius; uelut si auis festinet ad laqueum, et nescit quod de periculo animae illius agitur.*

Variis similitudinibus amentiam iuuenis, qui mulieris impurae sermonibus assentitur, explanat. Quae maior amentia potest excogitari quam [724] esse aliquem qui sponte sua in exitium feratur et lubens se in baratrum praecipitem det et in mortem, quam detestatur, cum festinatione proiciat? Hoc igitur furore animaduerso, facilius erit, quod in aliorum exitio cernitur, uitare et exempla calamitatis extremae perhorrescere. Ait igitur Sapiens:

[24.] *Nunc ergo, fili mi, audi me, et attende uerbis oris mei.*

Multitudinis numero omnes excitat ad salutarem disciplinam attentissima mente capiendam. Deinde, ut praecipuam curam et sollicitudinem melius explicet, singulari numero admonitionem contexit. Ait enim:

[25.] *Ne abstrahatur in uiis illius mens tua, neque decipiaris semitis eius;* [26.] *multos enim uulneratos deiecit, et fortissimi quique interfecti sunt ab ea.* [27.] *Viae inferi domus eius, penetrantes interiora mortis.*

Non de una tantum muliere loquitur, sed in uniuerso genere uersatur. Mulieres enim impudicae mentem eripiunt, uirtutis robur infringunt, statum animi labefactant, corda uenenato telo transuerberant, sapientum etiam sensum liquefaciunt, usque eo dum sapientiae totius opes exhauriant. Illae mortis administratae sunt, illae domus disturbant, illae Republicas excindunt, illae postremo ad miseriae sempiternae regionem uiam muniunt, et omnes quos sibi deuinctos habent in inferorum tenebras praecipites impellunt. Non igitur immerito Sapiens toties homines ab illarum consuetudine et familiaritate deterret, et a libidinis flagitio et impuritate ad sapientiae studium traducere conatur. Quod ut uehementius fieri possit, ipsam Sapientiam loquentem maximisque uocibus homines ad se uocantem inducit. Sic enim sequitur.



O ter levado uma boa quantidade de dinheiro era indício de que empreendera aquela viagem para negócios importantes, algo que não poderia realizar-se em pouco tempo. E sobretudo tendo aprazado ele o dia no qual haveria de regressar. E o quão fácil é empurrar para o abismo o homem que cai é o que claramente mostram as palavras que se seguem:

21. *Meteu-o assim na rede com os seus longos discursos e o arrastou com as lisonjas dos seus lábios.* 22. *Segue-a logo como boi que é levado ao sacrifício, e como cordeiro que vai saltando, e ignora o nêscio que é arrastado para uma prisão* [ou assim: “e avança como o nêscio, a quem se colocaram grilhões para que não corra livremente”], 23. *até que uma seta lhe trespassa o fígado, como ave que apressada corre ao laço e não sabe que se trata do perigo da sua vida.*

Expõe através de várias comparações a loucura do jovem que dá o seu assentimento às palavras da mulher impura. Que maior loucura pode imaginar-se do que [724] a de alguém que por sua livre e espontânea vontade é levado para a sua perdição e de bom talante se precipita no bátrato e se arremessa com pressa na morte, que abomina? Por conseguinte, uma vez conscientes desta loucura, será mais fácil evitar o que vemos na perdição dos outros e olhar com horror para os exemplos da derradeira desgraça. Portanto, diz o Sábio:

24. *Ouve-me, pois, agora, filho meu, e está atento às palavras da minha boca.*

Com o número plural,<sup>10</sup> incita todos a aprenderem os salutares ensinamentos com a máxima atenção. Depois, a fim de explicitar melhor o principal cuidado e preocupação, na redação da admoestação usou o número singular, pois escreve:

25. *Não se deixe arrastar o teu espírito a ir pelos caminhos desta mulher; nem tu te deixes enganar das suas veredas;* 26. *porque a muitos derribou feridos e os mais fortes por ela foram mortos.* 27. *Caminhos do inferno são a sua casa, que penetram até às entranhas da morte.*

Não fala apenas de uma única mulher, mas refere-se ao género inteiro. É que as mulheres desavergonhadas arrancam o siso, quebrantam as forças da virtude, destroem o equilíbrio do espírito, trespassam os corações com dardos empeçonhados, anulam o senso até dos sábios, até exaurirem por completo as riquezas da sabedoria. Elas são servidoras da morte, elas perturbam os lares, elas despedaçam os Estados, elas, enfim, abrem o caminho para a região da sempiterna mofina,

<sup>10</sup> Como se pode ver, o texto da *Vulgata* usa o número singular, ao invés do original e da versão dos *Setenta*.

**CAP. VIII**

[1.] *Numquid non sapientia clamat, et prudentia dat uocem suam?* [2.] *In summis excelsisque uerticibus supra uiam, in mediis semitis stans, [3.] iuxta portas ciuitatis in ipsis foribus loquitur, dicens:*

Quam prompta atque parata sint sapientiae munera atque beneficia omnibus qui ad illius cupiditatem exarserint, ex studio sapientiae ipsius, ex uocibus editis, ex clamoribus quibus cunctos ad se mortales allicit et inuitat clare cernitur. Non enim se abdit, non opes suas comprimit, sed potius euolutas et explicatas ostendit, non paucis, sed omnibus qui illis frui uoluerint. Non enim cum singulis tantum hominibus, sed etiam cum uniuersis se communicare desiderat, et iccirco, quamuis paucis, qui se excellentius gerere in studio illius statuunt, se clarius demonstret, [725] non tamen multitudinem negligit, sed in omni coetu atque multitudine clamat multisque modis omnes hortatur et admonet et, ut ita dicam, suppliciter rogat ut miseriae uiam deserant et beatae uitae rationem summo studio consecutentur. Sed illius uerba percipiamus. Sic enim ait:

[4.] *O uiri, ad uos clamito, et uox mea ad filios hominum.*

Nullum est apud illam generis aut condicionis discrimen, omnibus enim, siue illi sint claris natalibus orti aut diuitiis a plebis multitudine segregati, siue ignobiles et obscuri et inopia miserrime conflictati, diuitias suas ex aequo pollicetur.

[5.] *Intelligite paruuli astutiam, et insipientes animaduertite.*

Imperitis et fraudibus frequenter obnoxiiis, astutiam et intelligentiam promittit, ne facile possint in fraudem induci. Satis magnum pondus hoc promissum habebat, ad attentionem acriter excitandam. Sed illa non fatis habet mediocris admonitionis utilitatem, sed, quantum potest, animos incendere et inflammare desiderat.

e impelem a que se precipitem nas trevas dos infernos todos os que a elas se ligaram. Por conseguinte, não é sem motivo que o Sábio tão repetidamente aparta os homens do trato e intimidade com elas, e se esforça por fazê-los trocar a infâmia e impureza da sensualidade pelo zelo da sabedoria. Para que isto se possa levar a cabo mais eficazmente, apresenta a própria Sabedoria a falar e mostra-a chamando os homens a si com as palavras mais veementes. É que a seguir diz:

### CAPÍTULO VIII

*1. Porventura a sabedoria não está repetidas vezes clamando e a prudência não faz ouvir a sua voz? 2. No mais alto e elevado das eminências, ao longo do caminho, no meio das veredas posta em pé, 3. junto às portas da cidade, na mesma entrada, fala, dizendo:*

Quão disponíveis e à mão se encontram as mercês e benefícios da sabedoria para todos os que se abrasarem no desejo dela, é algo que claramente se vê a partir do zelo da própria sabedoria, das palavras que profere e dos brados com que seduz e convida para si todos os mortais. É que não se oculta, não resguarda as suas riquezas, mas antes as mostra descobertas e expostas, não a poucos, mas a todos os que quiserem servir-se delas. De facto, deseja repartir-se não apenas com cada homem, mas com todos em geral, e por isso, ainda que se mostre com maior clareza a poucos, que se propõem consagrar-se ao zelo dela de forma mais elevada, [725] todavia não despreza a multidão, mas em todos os ajuntamentos e reuniões de povo solta os seus brados e por muitas vias a todos exorta e aconselha e, por assim dizer, humildemente suplica que abandonem o caminho da mofina e com o máximo desvelo sigam a regra da vida bem-aventurada. Com efeito, diz o seguinte:

*4. A vós, ó homens, é que eu estou continuamente clamando, aos filhos dos homens é que se dirige a minha voz.*

Ela não faz nenhuma distinção de género ou condição, pois promete as suas riquezas por igual a todos, quer sejam de linhagem ilustre ou separados do povo comum pela abundância de bens materiais, quer sejam plebeus e de baixa estirpe e atribulados pela mais extrema penúria.

*5. Aprendei, ó pequeninos, a astúcia, e vós, insensatos, prestai-me atenção.*

Promete a astúcia e penetração intelectual aos inexperientes e amiúde sujeitos a embustes, para que não possam ser facilmente enganados. Esta promessa encerrava um peso sobejamente grande, para mais vivamente despertar a atenção.

[6.] *Audite, quoniam de rebus magnis locutura sum, et aperientur labia mea ut recta praedicent.* [7.] *Veritatem meditabitur guttur meum, et labia mea detestabuntur impium.* [8.] *Iusti sunt omnes sermones mei, non est in eis prauum quid, neque peruersum.*

Rerum excellentium magnitudine, iustitiae splendore et magnificentia, ueritatis sempiternae constantia, impietatis exitio rerumque Diuinarum claritate se in animos nostros insinuat et mentes nostras, expectatione orationis admirabilis, erigit ut acrius et attentius, quae sunt dicenda, suscipiant. Sed dixisset aliquis: “Frustra oratio de tantis et tam Diuinis rebus habita ad nostras aures perueniet, cum ex sapientia, quae tam procul est ab humana cognitione remota, nullum fructum ferre possimus.” Ne hoc dici possit, facilitatem sapientiae percipiendae demonstrat. Ait enim:

[9.] *Recti sunt intelligentibus, (Hebraeus sic: Expositi sunt omnes intelligentibus) et aequi inuenientibus scientiam.*

“Intelligentes” appellat eos qui in studio sapientiae uehementer elaborant. Qui enim se ad illius studium applicant, ea quidem animorum alacritate iam sunt non contemnendam partem intelligentiae consecuti. Praeterea usus atque meditatio et in doctrina progressio in dies magis mentem illustrat, ut clarius cernat eo studio contineri ueritatis et iustitiae disciplinam. Quemadmodum ipsamet Sapientia alibi dicit: “Si uos manseritis in sermone meo, et uerba mea in uobis manserint, cognoscetis ueritatem, et ueritas liberabit uos.”<sup>27</sup> [726] Similiter, hoc in loco promittit fore ut inuenientibus scientiam aequitas atque iustitia disciplinae caelestis innotescat. Instat deinde et urget, et ab instituta admonitione minime desistit.

[10.] *Accipite disciplinam meam, et non pecuniam; doctrinam magis quam aurum eligit.*

In animo est enim, et non in arca, diuitiarum magnitudo et opulentia reponenda. Animum porro, non aurum et argentum, sed sapientia, locupletat.

[11.] *Melior est enim sapientia cunctis opibus pretiosissimis, et omne desiderabile ei non potest comparari.*

<sup>27</sup> Vulgata, Jo., 8, 31-32.

sua insensatez quando antes do tempo revela a vontade de fazer mal, ao passo que este último mostra a sua perversidade depois de o crime perpetrado. Por consequência, todos sem qualquer hesitação desprezam a demência do primeiro, ao passo que odeiam e abominam a desonestidade do segundo. Todavia, todos os que, quer pela força, quer através de enganos, cometem injustiças, não só serão durante esta vida manchados com as nódoas das infâmias, que jamais poderão ser apagadas, mas, algo que de longe é muito mais grave, serão condenados aos suplícios eternos por severíssima sentença do mais santo dos juízes. Tal como imediatamente a seguir se diz.

De facto, diz que “os imprudentes hão de obter a herança da imprudência, ao passo que os sábios”, aos quais chama sagazes e industriosos, alcançarão a coroa da ciência”. – Ora, que outra cousa é a herança da imprudência senão a imensidão da desgraça sempiterna? E que é a coroa da mais verdadeira ciência senão a inexcedível grandeza da bem-aventurança e da honra sempiterna? Por outro lado, a fim de explicar isto melhor, põe-nos por diante o Juízo divino, em resultado do qual os maus devem ser arrojados nos tormentos, e os bons chamados por Deus para a vida eterna. Com efeito, diz o seguinte: “Os maus inclinam-se diante dos bons, e os ímpios diante das portas dos justos”. – Ora, o que ele diz é o seguinte: quando os desonestos contemplarem o esplendor, a honra e beleza e a régia [780] majestade dos bons, varados de espanto cairão por terra, tomados de imenso terror tremerão, prostrar-se-ão debalde em atitude suplicante diante daqueles que desprezaram durante a vida, atribulados pela dor e a inveja, soltarão palavras tristes e lamentar-se-ão diante da porta do justo, isto é, diante da entrada (pois não lhes era permitido irem mais além) do Juiz Supremo.

*20. O pobre será odioso até ao seu parente mais chegado, porém os amigos dos ricos serão muitos. 21. Aquele que despreza ao seu próximo, peca; mas o que se compadece do pobre, será bem-aventurado. 22. Os que obram mal, pecam; a misericórdia e a verdade são as que nos adquirem os bens. 23. Em todo o trabalho haverá abundância; mas onde há muitíssimas palavras, aí frequentemente se acha a indigência. 24. As riquezas dos sábios são a sua coroa; a fatuidade dos insensatos é imprudência. 25. A testemunha fiel livra as almas, a que porém é dobre profere mentiras. [isto é: “ao passo que o enganador seduz com mentiras”]*

Quão rara seja a verdadeira e genuína amizade é algo que claramente se conclui do facto de que dificilmente se encontra alguém que se queira entregar à amizade com um homem pobre. Algo que é sólida prova de que quase todos no granjear amizades não vão empós do bem dos seus amigos, mas do seu proveito. É que, caso contrário, nunca anteporiam um rico pecador a um pobre ornado de virtudes. E ensina quão grande infâmia é desprezar o pobre por causa da pobreza, quando diz que quem despreza o próximo, se torna culpado de um

“Errant”, inquit, “qui machinantur malum.” Ideo namque aliis insidias intendunt ut sibi bonum aliquod ex aliorum pernicie comparent: at illi sibi ipsis taeterrimam pestem moliuntur. Longe uero secus euenit illis qui misericordes atque benigni sunt, dum enim aliis benigne prospiciunt, sibi ipsis opes accumulunt. Ne uero quisquam arbitretur otio et negligentia bonum aliquod comparari, diligentiae rursus studium commendat. Vt enim neque imperator uictoriam desidiam atque sopore consequitur, neque agricola desidendo fruges exarat, neque mercator, per socordiam et ignauiam, pecuniam coaceruat, ita neque illi qui ueras diuitias expetunt sine labore et industria uoti compotes esse poterunt. Non enim est uirtutis fructus in uerborum ostentatione, sed in studio et exercitatione ponendus. Qui enim laborem gloriosum acerrima contentione suscipiunt, uirtutis opes immensas exaggerabunt. [781] At, qui de uirtute totos dies edisserunt nullumque opus uera uirtute dignum moliuntur, inopes semper erunt.

Laudat deinde diuitias sapientum, quibus cum gloriae sempiternae laudibus excoluntur. Ait enim “coronam sapientum esse diuitias eorum.” Non aurum, non argentum nominat, non gemmarum ullam mentionem infert. Non enim eae sapientum diuitiae sunt; sed uirtutis splendor et dignitas, sed iustitiae claritas et mentis altitudo, sed religionis sanctitas atque benignitas et uirtutes reliquae quibus animus humanus ad quamdam similitudinem Diuinitatis adspirat. Qui autem his tantis opibus expletus est, satis ostendit se non fuisse languori atque desidiae deditum, sed summo studio et contentione, ut eum statum assequeretur, elaborasse, iccirco fuisse hanc tam insignem coronam a Dei benignitate consecutum. Stultitiam porro nihil aliud ex uerborum multitudine et inani loquacitate quam stultitiae ipsius ostentationem adeptam. Itaque, ut sapientia semper operibus clarissimis sui significationem dat, ita et stultitia, ex uerborum inanitate, quam sit inanis ostendit.

Quam salutaris ueritas sit et quantam uitae pestem inferat mendacium docet, cum ait uero testimonio innocentes e periculis expediri, falso autem necem innocentibus inferri ut intelligi possit nihil esse neque ueritate salutaris neque calumnia atque mendacio pestilentius. Ait deinde:

crime sacrílego, ao passo que quem se mostra misericordioso com o indigente, fica livre de todo o pecado e graças a esta bondade constrói o caminho para a vida bem-aventurada e eterna. São por conseguinte loucos todos os que, pondo de parte o zelo do bem-fazer, empreendem, com enorme inquietação e cuidado, tomar outros caminhos para a vida venturosa. De facto, desviam-se para muitíssimo longe da meta que se propuseram e, enleados em erros, ao tempo em que, por todos os modos envidam esforços para serem bem-aventurados, com os mais apertados grilhões ficam presos à mais completa desventura.

“Os que maquinam o mal, pecam”, diz o Sábio. De facto, tramam ardis contra os outros a fim de obterem da perdição dos outros algum bem para si: mas aparelham contra si mesmos a mais terrível perdição. E sucede totalmente ao invés com aqueles que são misericordiosos e benfazejos, pois ao serem compassivos com os outros, estão a acumular riquezas para si mesmos. E para que ninguém cuide que algum bem se alcança através do ócio e da incúria, recomenda de novo o amor pela diligência. É que, assim como o general não consegue a vitória com a inércia e a indolência, nem o agricultor faz a terra produzir permanecendo inativo, nem o mercador amontoa dinheiro mediante a apatia e a preguiça, assim tão-pouco poderão satisfazer sem trabalho e perseverança o seu desejo aqueles que vivamente anelam as verdadeiras riquezas. De facto, o fruto da virtude não deve colocar-se na ostentação de palavras, mas no desvelo e no exercício. É que, os que empreendem um trabalho glorioso com o mais vigoroso empenho, acumularão imensas riquezas de virtude. [781] Mas aqueles que dissertam o dia inteiro acerca da virtude e não levam a cabo nenhuma obra digna da verdadeira virtude, serão sempre pobres.

Louva em seguida os tesouros dos sábios, mediante os quais são ornamentados com os louvores da sempiterna glória. De facto, diz: “as riquezas dos sábios são a sua coroa”. Não nomeia o ouro ou a prata, não menciona nenhuma das pedras preciosas. É que não são estas as riquezas dos sábios; são-no sim o esplendor e dignidade da virtude, a nobreza da justiça e a elevação de espírito, a santidade e bondade do sentimento religioso e as demais virtudes com as quais o espírito humano aspira a uma espécie de semelhança com a divindade. Por outro lado, quem se encontra cogulado com tão grandes riquezas mostra de sobejo que não se entregou à languidez e à preguiça, mas que trabalhou com o máximo desvelo e esforço para alcançar essa condição e por isso conseguiu da bondade de Deus esta coroa tão insigne. Além disso, a insensatez não obtém da grande cópia de palavras e da tagarelice outra coisa que não seja a ostentação da sua mesma insensatez. E assim, da mesma maneira que a sabedoria sempre dá mostras de si através de obras muito ilustres, assim também a insensatez revela, através do vazio das palavras, o quanto é fátua.

Ensina o quanto a verdade é salutar e como é grande a ruína que a mentira causa, ao dizer que o testemunho verdadeiro livra dos perigos os inocentes, ao passo que o falso lhes infere a morte, para que se possa entender que nada existe

[26.] *In timore Domini fiducia fortitudinis, et filiis eius erit spes.* [27.] *Timor Domini fons uitae, ut declinet a ruina mortis.* [28.] *In multitudine populi dignitas regis, et in paucitate plebis ignominia principis* (hoc est: Vbi populus deest, pauet animus principis). [29.] *Qui patiens est multa gubernatur prudentia; qui autem impatiens est exaltat stultitiam suam.* [30.] *Vita carniū* (hoc est, corporis) *sanitas cordis; putredo ossium inuidia.* [31.] *Qui calumniatur egentem exprobat factori eius, honorat autem eum qui miseretur pauperis.* [32.] *In malitia sua expelletur impius, sperat autem iustus in morte sua.* [33.] *In corde prudentis requiescit sapientia, et indoctos quosque erudiet* (siue: Et inter stultos eminebit). [34.] *Iustitia eleuat gentem; miseros autem facit populos peccatum.* [35.] *Acceptus est regi minister intelligens; iracundiam eius inutilis sustinebit* (uel sic: Iram autem illius excitat, qui subit ignominiam).

Multa sunt in uita hominibus ualde metuenda quae non possunt, propter imbecillitatem naturae, facile propulsari. Sunt enim innumerabiles morbi, sunt fraudes et insidiae, quas partim odium suscitāt, partim inuidia comparat, partim cupiditas atque malitia machinatur. Nulla est hora [782] periculo uacua, ita ut animus humanus semper anxius atque sollicitus sit usque adeo ut ne somnus quidem illi sit metu solutus, uisa enim in somnis obiiciuntur quae illum nimio terrore conturbant et de mentis statu deiiciunt. Ad haec omnia pericula contemnenda unicum nobis remedium Salomon paratum esse demonstrat, quod est in timore Domini constitutum. Qui enim Deum timet a uitiiis omnibus abstinet et iustitiam amplectatur et ita in Dei fidem atque patrociniū recipitur. Qui autem in Dei praesidio latet, cuius uim poterit umquam metuere? Itaque non solum uir pius poterit sibi securitatem ab omnibus rebus aduersis polliceri, sed omnes illius filii, qui patris uestigiis institerint, eodem praesidio tecti permanebunt. Recte igitur timor Domini “uitae fons” ab eodem Sapiente nominatur, mors enim locum non habet in iis qui sunt ad Deum semper adiuncti.

Praeceptum uero quod sequitur explanat illud quod ante dixerat, nempe, “praesepe uacuum esse, ubi boues non sunt.” Ait enim in hominum multitudine esse regis maiestatem et amplitudinem constitutam. Nam, quomodo bellum geret, si non fuerit magno exercitu constipatus? Quomodo magnificentia retinebit sine ministrorum frequentia et celebritate? Vectigalia qua ratione tractabit sine multorum hominum fide et sedulitate? Iura quo pacto populis administrabit, sine multis magistratibus? Consilia uero quomodo capiet, si non multos homines uirtute praecellentes ad societatem tam praeclari muneris adsciuerit? At multitudinem ad studium sui nominis applicare non poterit nisi eam sibi uirtutis admiratione et humanitatis atque facilitatis laude atque iuris aequilibrate deuinxerit. Duplici igitur ratione hominum praesidio nudatus apparebit: una, si admodum paucis imperauerit; altera, si multos animo a se nimis alieno coercere uoluerit. Vtroque autem modo erit imbecillus et ad omnes belli rumusculos animo nimis anxio



nem de mais salutar do que a verdade nem de mais nocivo do que a calúnia e a mentira. Diz em seguida:

26. *No temor do Senhor há confiança cheia de fortaleza, e seus filhos terão esperança.* 27. *O temor do Senhor é uma fonte de vida, para que se desviem da ruína da morte.* 28. *Na multidão do povo está a dignidade do rei; e na pouquidade da plebe a ignomínia do príncipe.* [ou seja: “Onde falta o povo, o príncipe sente medo”] 29. *O que é paciente governa-se com muita prudência; o que porém é impaciente assinala a sua loucura.* 30. *A saúde do coração é a vida da carne* [isto é: “do corpo”]; *a inveja é a podridão dos ossos.* 31. *O que calunia ao necessitado, insulta ao que o criou; mas honra-o aquele que se compadece do pobre.* 32. *O ímpio será expelido na sua malícia, mas o justo espera na sua morte.* 33. *A sabedoria descansa no coração do prudente, e ele instruirá todos os ignorantes.* [ou: “e elevar-se-á entre os insensatos”] 34. *A justiça exalta as nações, mas o pecado faz miseráveis os povos.* 35. *O ministro inteligente é aceito ao rei, o inútil sentirá a sua ira.* [ou assim: “mas desperta a sua ira quem incorre em ignomínia”]

Existem na vida muitas coisas assaz temíveis para os homens que, devido à fraqueza da natureza, não podem facilmente afastar-se. É que existem inúmeras doenças e são sem conta os embustes e ardis que, em parte, o ódio ocasiona, em parte, a inveja aparelha e, em parte, a cobiça e a malícia maquinam. Não há hora [782] alguma isenta de perigo, de tal maneira que o espírito humano sempre se encontra ansioso e inquieto a tal ponto que nem sequer o sono está para ele livre do medo, porquanto nos sonhos aparecem-lhes visões que o aterrorizam assaz e o fazem perder a serenidade. Salomão mostra que para dar de mão a estes perigos foi-nos oferecido um único remédio, o qual consiste no temor do Senhor. É que quem teme a Deus abstém-se de todos os defeitos e abraça a justiça e assim é acolhido sob a proteção e patrocínio de Deus. Ora, quem se coloca sob a proteção de Deus, poderá jamais recear os ataques de alguém? E assim não só o varão piedoso poderá prometer-se a si mesmo a segurança em relação a todas as adversidades, mas todos os seus filhos, que seguirem as pisadas do pai, permanecerão resguardados pela mesma proteção. Por conseguinte, é acertadamente que o mesmo Sábio designa o temor do Senhor como “fonte de vida”, pois não cabe lugar para a morte naqueles que estão sempre unidos a Deus.

Ora, o preceito que se segue explica aquilo que anteriormente dissera: a saber, “onde não há bois, despejada está a abegoaria”. É que diz que no grande número de gente se funda a majestade e grandeza do rei. De facto, como fará guerra, se não estiver rodeado de um grande exército? Como manterá a grandiosidade, sem a afluência e grande número de ministros e servidores? Como se ocupará das rendas públicas, sem a lealdade e zelo de muitos homens? De que maneira aplicará as leis, sem inúmeros magistrados? E como se aconselhará, se para tão elevada função não se associar a muitos varões de avantajada virtude? Mas não

trepidabit. Ex quo sequitur ut neque princeps, qui publicam salutem negligit, neque tyrannus, qui subditos iniuriis onerare minime desistit, assiduo angore et cruciatu liberari possit. Vterque enim est iustis copiis ad salutis atque uitae praesidium destitutus.

Iracundia porro quam sit rectae rationi contraria uerbis explicari non potest. Furor enim est turbulentos motus in animo concitans, nullum locum consilio relinquens, omnes animorum partes exagitans, ita ut qui iracundia commouetur nihil omnino ab homine, totius mentis experte atque furioso, distet. Vnde colligitur non esse mediocris prudentiae iracundiam refrenare.

Sequens autem sententia docet animi uel sanitatem uel angorem in corporis etiam statum saepenumero redundare. Nam, dum animus tranquillus est et statum suum facile tuetur, corporis etiam sanitas nulla sollicitudine uiolatur. At, cum animus tristibus curis opprimitur, corpus etiam afflicturn, usque adeo ut interdum uitae discrimen adeat. Cum uero multis animi motibus status animi labefieri contingat, ex quibus corporis sanitas [783] attentatur, tum uix est quod grauius animum cruciet quam inuidia, ex qua corpus etiam intabescit. Tantas enim uires habet tranquilla pax animi, quam maximae uirtutes efficiunt, ut non solum mentem opibus diuinis exornet, uerum et corpori sit multis in locis admodum salutaris.

Ea uero sententia, quae sequitur, misericordiam et benignitatem grauissima poena sanxit. Ait enim eum qui uexat iniuria pauperem, Deum, a quo pauper ipse factus est et quem non minore cura, quam principes, tuendum suscepit, contumelia uexare. Illum enim quem summus Dominus, qui omnia potestate infinita complectitur, et quem ad sempiternam gloriam destinauit, peruertere summopere conatur. At clementissimus ille Dominus patronus est pauperum, ita ut qui pauperum ope Diuina confidentem oppugnat, in Deum bellum impium comparat. Contra uero, qui pauperi opem affert, Deum acceptissimo misericordiae sacrificio ueneratur.

Ostendit deinde quam infima sit impii sedes atque domicilium. Impius enim, quamuis nullos hostes habere uideatur et nemo in statum illius insurgat, eo etiam tempore, quo res suas maxime secundas existimat, miserabiliter occumbit. Malitia enim illum impellit, atque labentem praecipitabit. Nullus enim hostis esse poterit cuius magis infestus quam cuiusque scelus atque flagitium. At iustus, quamuis nimis oppressus esse uideatur et mors etiam appropinquet, ad spem tamen firmissimam salutis et immortalitatis erigitur. Intelligentem, siue “prudentem”, ut interpres reddidit, appellat Salomon, hominem qui est ad disciplinam docilis, qui non est insolens et immoderatus, sed modestus et ita sapientiae cupidus ut eam facillime omnibus uitae emolumentis anteponat. Hoc autem studium asserit numquam sine fructu constitisse. Nam sapientia in animis eorum qui hac mente

conseguirá encaminhar a multidão a servir o seu nome se a não tiver ligado a si pela admiração pela sua virtude, pelos seus dotes de afabilidade e acessibilidade e pela imparcialidade na justiça. Por conseguinte, mostrar-se-á desprovido da proteção dos homens por dois modos: um, se reinar sobre muito poucos; o outro, se quiser exercer coação sobre muitos que não lhe são nada afetos. Ora, por ambos estes modos será fraco e tremerá de ansioso receio diante de quaisquer rumores de guerra. Daqui se segue que não conseguem livrar-se de incessante angústia e ansiedade nem o príncipe, que descuida a prosperidade pública, nem o tirano, que não descontinua em agravar os súbditos com injustiças. É que ambos estão privados dos recursos necessários para a proteção da segurança e da vida.

Ora, é impossível expor-se por palavras o quanto a ira é contrária à reta razão. É que é uma fúria que agita emoções violentas na alma, que não deixa qualquer espaço para a deliberação ponderada e transtorna todas as partes do espírito, de tal maneira que quem se encontra senhoreado pela ira não se distingue absolutamente nada de um homem totalmente privado de entendimento e desvairado. Daqui se conclui que refrear a ira requer uma prudência acima do normal.

O provérbio seguinte ensina que a sanidade ou angústia do espírito refletem-se também amiúde nas condições corporais. Com efeito, quando o espírito está tranquilo e facilmente conserva o seu equilíbrio, a saúde do corpo também não é perturbada por nenhuma inquietação. Quando, porém, o espírito é atribulado por tristes cuidados, o corpo também padece, a tal ponto que por vezes a vida corre risco. E, assim como acontece que o equilíbrio do espírito é abalado por muitas emoções que afetam a saúde do corpo, [783] da mesma maneira é difícil que alguma coisa atormente mais gravemente o espírito do que o ódio, que também destrói o corpo. É que a tranquila paz de espírito, que as virtudes mais elevadas conquistam, tem tão grande eficácia que não só adorna o entendimento com as riquezas divinas, mas também em muitas situações é sobremodo salutar para o corpo.

O provérbio que se segue sanciona com pena gravíssima as transgressões contra a compaixão e a bondade. Pois diz que o homem que insulta o pobre está a lançar injúrias contra Deus, pelo qual o próprio pobre foi criado e de quem tomou a Seu cargo cuidar com não menos cuidado do que dos príncipes. É que com grande empenho esforça-se por destruir aquela pessoa a quem o supremo Deus, que tudo abraça com Seu poder infinito, destinou para a glória eterna. Mas aquele mui compassivo Senhor é patrono dos pobres, de tal maneira que quem ataca o pobre, que está confiante na ajuda divina, move guerra sacrílega contra Deus. Ao passo que, pelo contrário, quem ajuda o pobre está a adorar a Deus com um sacrifício de misericórdia muitíssimo aceito.

Mostra em seguida o quanto é baixa a morada e domicílio do ímpio. É que o ímpio, embora pareça que não tem inimigos e que ninguém o ameaça na sua segurança, sucumbe mofinamente até na ocasião em que considera que a sua situação é mais próspera. De facto, a malícia há de impeli-lo e precipitá-lo-á na

praediti sunt insidet, et ita fit ut qui hoc modo sapientia illustratum animum gerunt tantum inter reliquos homines excellant ut omnes in illorum conspectu sint amentissimi iudicandi.

Grauis deinde sententia sequitur: quae, si a regibus et populis summo studio comprobaretur, non esset profecto tanta uarietas et inconstantia, in Rebuspublicis neque tam saepe imperiosi populi de statu conciderent. Cernimus enim gentem, opibus florentem, ad summam dignitatem euectam, imperium latissime propagare; cernimus eandem alterius gentis quae erat ualde tenuis et obscura uiribus oppressam corruere. Quam uero aliam causam assignare possumus huius calamitatis atque ruinae quam Diuinum iudicium, quo, propter hominum scelera, Rerumpublicarum summa fastigia deprimuntur, et aliae gentes humiles ad poenas de inueterata immanitate atque tyrannide repetendas extolluntur? Scelera uero, propter quae Deus a gente in gentem imperium transfert, sunt libidines indomitae et immensae cupiditates, et iniquitas et auaritia et immanitas eorum qui plurimum in Republica possunt. Ab his fontibus multa flagitia in multitudinem transfusa, uniuersam [784] Rempubicam mortiferis morbis inficiunt. Quod, si iniustitiae scelus et immanitatis impotentia uniuersam Rempubicam insanabili peste contaminat, an parum liquet propter iustitiam posse Rempubicam opibus augeri et propter misericordiam in Dei gratiam amissam restitui?

Ait deinde “gratum esse regi seruum intelligentem”. Regis certe officium minime peruertet is qui sapientiae laude praestiterit, nec enim negligentia tempus rei bene gerendae elabi patietur, neque temeritate et importuno conuicio hostes in regis opes incitabit, neque timiditate et ignauia regis nomen ludibrio esse patietur, sed in omni loco et opibus regis et dignitati prospiciet. Contra uero, qui insanus fuerit omnia quae fuerint illi commissa furenter administrabit, et ita regem insigni dedecore afficiet. Itaque, in omni negotio, siue publico, siue priuato, prudentia ualde necessaria est, et, ubi illa defuerit, nihil recte, nihil ordine, nihil feliciter geri ullo modo poterit.

queda. É que não poderá existir inimigo mais hostil a qualquer pessoa do que o crime e a infâmia que ela mesma comete. Ao passo que o justo, ainda que dê visos de cercado de ameaças e até com a morte próxima, mesmo assim anima-se com a firmíssima esperança da salvação e da imortalidade. Salomão chama inteligente, ou “prudente”, como verte o tradutor, ao homem que se deixa instruir, que não é insolente nem descomedido, mas discreto e de tal sorte desejoso de sabedoria que sem hesitação a antepõe a todas as vantagens da vida. Por outro lado, assevera que este estudo nunca ficou sem fruto. Na verdade, a sabedoria reside no espírito dos que estão providos deste propósito, e assim sucede que desta maneira possuem um espírito iluminado pela sabedoria, sobressaem tanto entre os restantes homens que diante deles todos devem ser tidos na conta de totalmente loucos.

Vem em seguida um importante provérbio, que, se fosse acolhido pelos reis e povos, certamente que não existiria tamanha variação e inconstância nos estados nem tão amiúde os povos dominadores tombariam da sua posição. É que vemos um povo, próspero em riquezas, elevado à mais elevada dignidade, aumentar vastamente o seu senhorio; vemos o mesmo povo sucumbir, derrotado pela força de outro que era assaz fraco e obscuro. E que outra causa podemos atribuir a esta desgraça e ruína senão o juízo de Deus, pelo qual, devido aos crimes dos homens, as nações são abatidas das mais elevadas alturas, e outros povos são elevados para castigarem a prolongada desumanidade e tirania? E os crimes por causa dos quais Deus transfere o poder de um povo para outro são as paixões indômitas e a cobiça desenfreada, e a iniquidade, avareza e desumanidade dos homens que têm mais influência no Estado. Muitas infâmias, derramando-se destas fontes sobre a multidão, infetam com mortíferas doenças a totalidade [784] da república. Pelo que, se o crime da injustiça e a prepotência da desumanidade contaminam a república inteira com uma peste incurável, acaso é pouco evidente que, devido à justiça, a república pode aumentar de riquezas e, devido à misericórdia, ser restituída à graça de Deus, que perdera?

Diz em seguida que “é grato ao rei o servidor inteligente”. Seguramente que não deixará de cumprir a sua obrigação o homem que se avantajou pelo merecimento da sabedoria, pois nem por negligência deixará passar o ensejo de fazer bem as coisas, nem por irreflexão e inoportuno insulto incitará os inimigos contra as riquezas do rei, nem por espírito timorato e frouxidão admitirá que o prestígio do rei seja escarnecido, mas em todas as situações velará pelas riquezas e dignidade do rei. Ao invés, porém, quem for insensato, ocupar-se-á de modo tresloucado de tudo de que o encarregarem, e deste modo ocasionará ao rei um enorme desprestígio. E assim, a prudência é assaz necessária em todas as atividades, quer públicas, quer privadas, e, onde ela faltar, de modo algum poderá fazer-se seja o que for com correção, com ordem e com bom êxito.

## CAP. XV

[1.] *Responsio mollis frangit iram; sermo durus suscitatur furorem.* [2.] *Lingua sapientum ornat scientiam* (siue: Commode utitur scientia); *os fatuorum ebullit stultitiam.* [3.] *In omni loco, oculi Domini contemplantur bonos et malos.* [4.] *Lingua placabilis lignum uitae; quae autem immoderata est conteret spiritum.* [5.] *Stultus irridet disciplinam patris sui; qui autem custodit increpationes astutior fiet.*

Vt nihil est in rebus humanis effrenata lingua pestilentius, ita, cum est moderata, nihil poterit ex cogitari salutaris. Ea namque furoris impetum reprimat, pacem conciliat, obsistit sceleri, studium religionis excitat, statum Reipublicae tuetur et opes uirtutis amplificat. Contra uero, cum disciplinae salutaris legem transgreditur, incendium suscitatur, quo tandem omnia conflagrare facillime possunt. Vt autem numquam ita simus amentes ut quod neque decet nec expedit, efferamus, multum refert in mentem saepe reuocare Dei prouidentiam, quae semper est omnibus rebus, quae in uita uel geruntur uel proferuntur, intenta, ut bonos praemiis afficiat, malos autem debitis poenis insequatur. Nihil est abstrusum et abditum quod non penetret; nihil ita tenebris immersum quod non adspiciat; nihil ita remotum quod non manibus atrectet: omnia semper illi patent atque dilucescunt. Haec qui secum cogitauerit dies atque noctes numen Diuinum metuet et linguae motus inconsideratos refrenabit, ut numquam ore suo patietur uerbum prodire quod humanam societatem laedat aut religionis purissimae sanctitatem uiolet. Oratio namque, si ex pura et integra mente profecta fuerit, uitam conferet, si uero ex animo impuro processerit, multa mala rebus communibus importabit.

[785] Fundamentum autem prudentiae in iis qui nondum ad aetatem maturam peruenere in eo positum est ut, quod per se assequi nondum possunt, ab iis qui ualent ingenio et sunt longo rerum usu satis eruditi percipiant. Duo uero in doctore atque monitore requirunt, ut consiliu illius libenter accipiamus. Vnum est prudentia multarum rerum usu comparata; alterum, beneuolentia qua in consiliis dandis nihil aliud quam fructum illius quem instituendum suscipit sibi proponat. Vtrumque autem “patris sui” nomine declaratur. Nam “patris” nomine prudentiae maturitatem, quae illius aetatis propria est, designat. Cum uero “sui” uox additur, non uulgaris amoris uim aperte significat. Recte igitur decretum est eum qui monita patris sui aspernatur et respuit esse dementissimum, qui uero parentis consiliis obtemperat, prudentiam adepturum. Quod, si hoc de patribus, qui nos humano more genuerunt, dicendum est, quid erit de illo patre sanctissimo, qui nos finxit et informauit tam multisque muneribus affecit existimandum? An maior stultitia cogitari potest quam monita Diuina contemnere? Aut certior summae prudentiae laus quam Dei imperium mente castissima reuereri?

sejam entregues. Todavia, seja como for que se entenda este provérbio, a pressa excessiva não ficará impune, porquanto a impiedade é punida com o merecido castigo e o desatino da ambição prova-se com o avesso resultado, e assim acontece que a um começo feliz segue-se um final triste e atribulado.

Aconselha-se-nos em seguida a que não queiramos vingar injustiças. É que, quem se empenha em por si mesmo tirar vingança do ultraje, é forçoso que a si mesmo se enrede em muitos erros. O primeiro é que, ao tempo em que se esforça por imitar o crime daquele por quem foi agravado, [838] está a incorrer no mesmo defeito que deveria ter abominado, e não imitado. O outro é que, ao desejar vivamente o desforço, está a privar-se de um grande fruto de honra e até de uma espécie de divindade, visto que é virtude divina não se deixar perturbar pelos ultrajes, nem deixar-se levar pela ira, nem ficar agitado por quaisquer emoções, mas perdoar os delitos e pagar com benefícios os malefícios e imitar a clemência de Deus, que não lança os raios da Sua ira logo que acabamos de pecar, mas concede um tempo para nos arrependermos. Finalmente, está a usar de forma impudente e indevida da função e ofício de Deus, que disse: “A mim me pertence a vingança; eu retribuirei”. [Rm 12. 19.] Por consequência, quando nos empenhamos em tomarmos à nossa própria conta a vingança, para além da ação criminosa, de que nos tornamos culpados, favorecemos a causa do inimigo, porquanto, quando a pessoa, que infere o agravo, não dá satisfação aos ofendidos, mas persevera até ao fim na mesma perversidade, Deus toma a Si esta causa e castiga violentamente aqueles que praticaram a injustiça; quando, porém, os homens se esforçam por reivindicar por si mesmos os castigos, devido à sua fraqueza não conseguem aquilo que vivamente desejam. Por conseguinte, é próprio do homem sábio reservar a vingança para o mais santo dos juízes, porquanto defende todos os que n’ Ele depositam a esperança dos seus direitos e honestidade, e os livra de todo o ódio e inveja dos malévolos.

De novo critica o engano dos pesos e a desigualdade do direito. E quando diz que “a balança enganosa não é boa” está claramente a dizer que não é útil. É que, quem usa pesos falsos conta com um proveito nada pequeno como resultado desse engano: mas sucederá totalmente ao invés. De facto, para além da ofensa à majestade divina, que deve ser vingada com o suplício eterno, não receberá nenhum benefício da malícia, pois perdem por muitos modos as riquezas os homens que recorrem a enganos na república. É que se converte em nada tudo aquilo que se adquire pela mentira e engano.

*24. Os passos do homem são dirigidos pelo Senhor, mas que homem pode compreender o seu mesmo caminho? 25. É uma ruína para o homem devorar os santos, e depois retratar os votos.*

É muitíssimo difícil para o homem chegar com o seu desvelo e trabalho à meta para onde se dirige. É que, conforme já foi dito, far-se-á, não aquilo que

aduersitatibus emersi, id quod Deo consecrauerant, conatu sacrilego repetendum putant, ut illud deuorent. Sacrilegio deinde speciosam causam uel necessitatis, uel honestatis, obtendunt. Nam, uel asserunt se non posse sine eo munere [col 839] quod dedicauerant familiae consulere uel suae condicionis dignitatem retinere. Hoc igitur laqueo adstricti, ad iudicium reseruantur quod nullis fraudibus eludi potest, ut sacrilegii atque perfidiae simul grauissimas poenas luant. Verum est autem uotum, ut lex Diuina sancit, sine ulla tergiuersatione persoluere, et non in proprium usum, quod erat religione consecracum, astute conuertere. Potissima autem cura regis esse debet pietatem supplicio impiis irrogato sancire. Ideo sequitur.

[26.] *Dissipat impios rex sapiens, et incuruat super eos fornicem.* (Hebraeus sic explicat: Et inducit rotam super eos).

Ex impietate omnia flagitia quae Rempublicam contaminant oriuntur. Sunt igitur impii regis sapientis iudicio peruertendi. Itaque non erit satis illi eos qui religionem uiolant et sanari nullo pacto uolunt exterminare, nisi carpentis inductis eos conterat atque comminuat, ne ulla memoria tam nefandi sceleris in uita remaneat. “Rota” pro curru ponitur, quemadmodum “carina” pro nauis. Principes autem uictores olim, curribus falcatis in orbem circumductis, hostes a quibus odio capitali dissidebant contrucidabant, quemadmodum Dauid de Ammonitis supplicium sumpsit.<sup>102</sup> Id autem mouit Salomonem ut diceret regem sapientem impios rota trucidaturum. Quod tamen non est sic accipiendum ut sit nunc opus falcatis curribus ad impiorum internecionem, sed ut intelligatur esse uehementer elaborandum, quoad fieri possit, ut cum impiorum interitu impietatis etiam memoria deleatur.

<sup>102</sup> Vd. Vulgata, 3 Reg. 12, 16 sqq.



o homem pensa, mas o que Deus determina acerca da situação dele. Ele mostra o caminho reto; Ele dá firmeza aos passos; o fim do caminho encerra-se no Seu poder e bondade. Por conseguinte, resta que encaminhem todos os nossos cuidados e pensamentos para a glória d' Aquele que é o guia do caminho, o autor da salvação e o arquiteto da imortalidade; que d' Ele peçamos, não aquilo que nós mesmos queremos, mas aquilo que Ele determina que se faça em relação a nós. É que há de ser-nos salutar aquilo que Ele decide, não aquilo que nós imaginamos que nos há de ser bom. A inconstância na religião é um laço em que muitos caem, devido à violência da cobiça. De facto, quando se encontram na adversidade, fazem votos, e uma vez dela livres, com impulso sacrílego consideram que, aquilo que tinham consagrado a Deus, devem recuperá-lo, para o devorar. Em seguida, coonestam o sacrilégio com uma motivo especioso, ou de necessidade ou de honestidade. Na verdade, ou afirmam que, sem aquele presente [839] que tinham oferecido à divindade, não podem ou sustentar a família ou manter a dignidade própria da sua condição. Por conseguinte, presos por este laço, ficam reservados para aquele juízo que com nenhuns enganos se pode esquivar, para serem castigados com as gravíssimas penas do sacrilégio e da perfídia. Ora, é voto verdadeiro o que, conforme determina a lei divina, se paga sem qualquer subterfúgio, não transferindo para benefício próprio o que tinha sido consagrado pela religião.

Por outro lado, o mais importante cuidado do rei deve ser defender legalmente a piedade, estabelecendo sanções contra os ímpios. Por isso se diz a seguir:

*26. O rei sábio dissipa os ímpios e encerra-os debaixo da curva abóbada.* [o texto hebraico exprime-se assim: “e faz passar sobre eles a roda”]

Provêm da impiedade todas as infâmias que contaminam a república. Por conseguinte, os ímpios devem ser destruídos pelo juízo do rei sábio. E por isso não lhe bastará banir aqueles que transgridem a religião e de forma alguma querem ser curados, se, fazendo passar sobre eles carros ferrados, não os despedaçar e esmigalhar, de maneira a que não fique no mundo lembrança alguma de um crime tão nefando. Usa-se a palavra “roda” em vez de carro, tal como se diz “quilha” em vez de barco. Ora, antigamente os príncipes vencedores trucidavam, com carros providos de fouces e conduzidos em círculo, os inimigos aos quais odiavam com entranhado ódio, tal como Davi castigou os Amonitas. [2 Sm 12. 31.] Ora, isto impeliu Salomão a dizer que o rei sábio haveria de trucidar com rodas os ímpios. Todavia, isto não deve interpretar-se de tal maneira que agora sejam necessários carros providos de fouces para a destruição dos ímpios, mas para que compreendamos que devem envidar-se vivos esforços, até onde for possível, para que com a morte dos ímpios se suprima também a lembrança da impiedade.

[27.] *Lucerna Domini spiraculum* (siue: Spiritus) *hominis, quae inuestigat omnia secreta uentris*. [28.] *Misericordia et ueritas custodiunt regem, et roboratur clementia thronus eius*. [29.] *Exultatio* (siue: Decus) *iuuenum fortitudo eorum, et dignitas senum canities*. [30.] *Liur uulneris absterget mala, et plagae in secretioribus uentris* (Hebraice sic: *Liuores uulneris absterges cum malo, et plagas intestinas uentris*).

Complectitur Sapiens in summa quo praesidio sit hominum uita saepianda, ut hostium impetum a se reprimat et bonorum copia redundet. “Lucernam” autem “Domini” appellat gratiae Diuinae lumen, quod mentem illustrat et recreat et ornamentis afficit et iucunditate perfundit. Eam dicit esse Spiritum hominis, ut per spiritum intelligamus illam animi praestantiam qua caelum intuetur, Diuina atque sempiterna considerat. Ponit Paulus discrimen inter animam et spiritum,<sup>103</sup> ut sit anima ea quae corpori prospicit et humana tantum spectat nec ad opes Diuinas adspirat, spiritus uero qui caelestia atque Diuina contemplatur. Animae natura est quae nobis cum reliquis hominibus communis est et humanitatis sensu continetur: spiritus uero Spiritus Sancti donis atque muneribus efficitur. Anima igitur [840] hominis in spiritum, hoc est, in formam Diuinam, instinctu et impulsu Spiritus Diuini transformatur. Et haec est illa noua creatura quam Paulus asserit<sup>104</sup> Christi numine in animis fidelibus satu Diuino generari.

“Lucerna” uero “Diuina” spiritus hominis appellatur hoc in loco ea figura qua operis auctori operis nomen imponitur, quam grammatici metonymiam appellant, ueluti cum dicimus Christum esse nostram salutem et iustitiam et redemptionem, et cum dicimus Deum uitam nostram esse. Eodem modo lucerna Domini spiritus noster et uita nostra nominatur, ea namque uigemus, spiramus sensibusque Diuinis afficimur et in caelum recta contendimus. Humanus animus, Diuinae lucis abscessu, nihil cernit quod ad salutem ualeat, nihil sentit quod expediat, nihil decernit quod felicem exitum consequatur. Rursus autem Diuinae lucis exortu, et in uitam excitatur, et, qui se antea ignorabat, se clarissime uidet et mentis suae intimos recessus explorat. Per “uentrem” enim in Sanctis Litteris mentem significari, perspicuum est omnibus qui in illarum studio uersantur. Ventrís igitur interiora sunt mentis intimae sensus, studia et cogitationes quae in ea latitabant et quarum inanitatem ante minime perspiciebat. Postquam uero splendore Diuino collucet, tum demum sentit et intelligit quae sit illius natura, in quem finem creata sit, itaque se ipsam excitat ut opera Diuina moliatur. Cum enim naturae diuinae sit per gratiam Diuinam particeps, omnia quae sunt intra caeli complexum despicit et ad Diuinitatem modis omnibus adspirat.

<sup>103</sup> Vd. Vulgata, *1 Cor.* 3, 1 sqq.

<sup>104</sup> Vd. Vulgata, *2 Cor.* 5, 17; *Gal.* 6, 15.

27. *O respiradouro [isto é, “o espírito”] do homem é uma lâmpada do Senhor, a qual esquadrinha todos os segredos do seu interior.* 28. *A misericórdia e a verdade guardam o rei e o seu trono se firma com a clemência.* 29. *A exultação [ou “glória”] dos mancebos é a força deles, e a dignidade dos velhos são as suas cãs.* 30. *Os males limpar-se-ão pelo lívido das feridas e pelas chagas no mais secreto do ventre.* [em hebraico assim: “Os vergões da ferida limparás com o mal, como também as chagas interiores do ventre”]

O Sábio diz resumidamente com que proteção deve defender-se a vida dos homens, a fim de repelir o ataque dos inimigos e abundar em bens. Ora, chama “lâmpada do Senhor” à luz da graça divina, que ilumina, revigora e provê de ornamentos o espírito e o enche de contentamento. Diz que ela é o espírito do homem, para que entendamos por espírito aquela superioridade da alma graças à qual divisa o Céu e contempla as coisas eternas e divinas. S. Paulo estabelece diferença entre alma e espírito, por forma que alma é a que vela pelo corpo e atende apenas às coisas humanas e não aspira às riquezas divinas, ao passo que o espírito é o que contempla as coisas celestiais e divinas. [2 Cor 12. 10-14] A natureza da alma é a que temos em comum com os restantes homens e se encerra nos sentidos humanos, ao passo que o espírito se forma com os dons e presentes do Espírito Santo. Por conseguinte, a alma [840] do homem transforma-se em espírito, isto é, em forma divina, pela inspiração e impulso do Espírito de Deus. E esta é a nova criatura que S. Paulo afirma que é, mediante geração divina, gerada pelo poder de Cristo nas almas dos fiéis. [2 Cor 5. 17.; Gl 6. 8.]

E nesta passagem chama-se “lâmpada divina” ao espírito do homem mediante aquela figura de retórica através da qual se dá ao autor da obra o nome da obra, a que os gramáticos dão a designação de metonímia, como quando dizemos que Cristo é a nossa salvação, justiça e redenção, e quando dizemos que Deus é a nossa vida. Do mesmo modo se designa por lâmpada do Senhor o nosso espírito e a nossa vida, pois mediante ela nos mantemos vivos e respiramos e somos providos de sentidos divinos e nos dirigimos diretamente para o Céu. Com a retirada da luz divina, o espírito humano nada enxerga que lhe seja útil para a salvação, nada sente que lhe aproveite, nada decide que lhe proporcione um êxito venturoso. Por outro lado, com o raiair da luz divina não só se sente incitado para a vida, como também, quem anteriormente se ignorava a si mesmo, a si mesmo se vê com máxima claridade e esquadrinha os íntimos recessos do seu entendimento. De facto, que por “ventre”<sup>19</sup> se significa nas Sagradas Escrituras “entendimento” é algo que é manifesto para todos os que se ocupam com o seu estudo. Por conseguinte, o ventre é o interior, os sentidos, os afetos e pensamentos

<sup>19</sup> Que na versão portuguesa da *Vulgata* o Pe. Pereira de Figueiredo verteu, como pode ler-se *supra*, por “interior”.

Non sunt igitur uitae praesidia in animae natura ponenda, sed in Diuini spiritus luce collocanda. “Animalis enim homo non percipit ea quae Dei sunt”<sup>105</sup>, at Diuinus homo in suprema caeli fastigia, ductu et auxilio Sancti Spiritus, euehitur. Et hoc quidem praesidium omnibus qui Christi religionem sancte colunt et fidem summa constantia seruant est beneficentia Diuina propositum. Reges tamen, praeter hoc commune praesidium, aliis etiam ab eodem Spiritu fulciendi sunt. Primum est ut intelligant regis statum non tam opibus et armatorum praesidiis quam subditorum amore et fidelitate stabiliendum. Opes enim insidias minime repellunt, et hominum praesidia, caritate et fide seclusa, eisdem ipsis, qui illis circumsaepiti sunt, erunt ualde metuenda. At subditorum amor laude regiae clementiae et benignitatis incenditur et fides regis ueritate et constantia confirmatur. Nemo enim potest odio persequi bonitatem neque fidei spectatae et cognitae ulla condicione diffidere. Cum uero in regibus hae uirtutes eminent, tanto clarius splendent, quanto status illius altior est et ad plures utilitas earum cum insigni admiratione diffunditur. Rex igitur qui thronum suum clementia et fide corroborauerit, nec suorum insidias extimescet nec hostium incursionem formidabit, cum nihil sit in terris fide et amore ualentius. Hoc quidem est primum praesidium.

Alterum est armorum robur atque prudentiae consilium, quorum alterum sine alterius ope imbecillum [841] est. Quid enim arma proderunt, si omnia temeritate corruerint? Quam utilitatem consilium afferet si nullae fuerint uires quae id quod est prudenter cogitatum exsequantur? Decus autem iuuentutis in animi magnitudine et robore consistit, et senectutis laus canitie, hoc est, prudentiae maturitate continetur. Est igitur opus regi ut iuuenes in armis exercent, senes autem prudentia graues in consilium adhibeat. Nec enim a iuuentute laudes perfectae sapientiae requiruntur, nec a senectute uires iuuenum flagitantur.

Tertium porro subsidium est in iudiciorum seueritate positum. Frustra namque arma comparantur ad hostiles impetus reprimendos, frustra similiter ad consilium senes euocantur, si hostes domestici minime repelluntur. Hostes uero domestici et intestini soutes sunt et facinorosi, quibus si fuerit scelerum impunitas attributa, Republicam multo crudelius quam externi hostes dissipabunt. Hi uero non sunt leuibus poenis, sed acerrimis, coercendi, ne eorum contagio ad perniciem Reipublicae totius erumpat. Chirurgus enim qui non tam de sanitate recuperanda quam de praesenti dolore minuendo laborat, uulnus non curat, sed mortem accersit, nam in magnis uulneribus remedia quae non inferunt dolorem non possunt esse salutaria. Est enim sanies abstergenda, est uulnus obligandum, est putredo resecanda et, si uulnus interius penetrauit, est aliqua pars corporis ferro latius aperienda, ne purulenta sanies inclusa resideat, quae deinde serpat

---

<sup>105</sup> Vd. Vulgata, *1 Cor.* 2, 14.

do entendimento íntimo que nele se ocultavam e de cuja inutilidade anteriormente não se dava conta. Mas só depois que resplandece com um brilho divino sente enfim e compreende qual é a sua natureza e qual o fim para que foi criado, e por isso incita-se a si mesmo a empreender obras divinas. De facto, uma vez que, pela graça de Deus, participa da natureza divina, despreza tudo o que é cingido pelo abraço do céu e aspira por todos os modos à divindade.

Por conseguinte, as defesas da vida não devem colocar-se na natureza da alma, mas na luz do Espírito Santo. É que, “o homem animal não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus”, [1 Cor 2. 14.] mas o homem divino é elevado aos cimos mais altos do Céu sob a direção e com a ajuda do Espírito Santo. E esta proteção foi oferecida pela bondade divina a todos os que santamente praticam a religião de Cristo e com a mais completa constância conservam a fé. Os reis todavia, para além desta proteção geral, também devem ser amparados por outras procedentes do mesmo Espírito. A primeira é que entendam que a posição do rei mais deve apoiar-se no amor e lealdade dos súbditos do que nas riquezas e na proteção dos soldados. É que as riquezas não afastam as ciladas, e a proteção dos homens, separada da caridade e da fé, será muito de temer para esses mesmos que por ela estão cercados. Mas o amor dos súbditos abraça-se com o renome da clemência e bondade régias e a lealdade avigora-se com a verdade e constância do rei. De facto, ninguém pode odiar a bondade nem desconfiar em nenhuma circunstância da lealdade esperada e conhecida. E quando nos reis estas virtudes sobressaem, resplandecem com tanto maior brilho, quanto mais elevada é a sua posição e, com extraordinária admiração, sobre maior número de pessoas a utilidade delas se espalha. Por conseguinte, o rei que fortalecer o seu trono com a clemência e a lealdade, nem receará as ciladas dos seus nem temerá os ataques dos inimigos, uma vez que na terra nada existe de mais forte do que a lealdade e o amor. Ora, esta é a primeira proteção.

A segunda é a força das armas e o conselho da prudência, qualquer uma das quais é fraca sem a ajuda da outra. [841] De facto, que utilidade terão as armas se tudo se perder por culpa da irreflexão? Que proveito há de ter o conselho, se não existirem forças algumas para executar aquilo que sabiamente se pensou? Por outro lado, a honra da juventude funda-se na grandeza de ânimo e na força, e o motivo de louvor da velhice cifra-se nas cãs, ou seja, na madureza da prudência. Por conseguinte, cumpre que o rei ocupe os jovens com as armas, mas, por outro lado, escute o conselho dos velhos de ponderada prudência. É que não se requerem da mocidade merecimentos de consumada sabedoria, nem se pedem à velhice as forças dos moços.

Ora, a terceira ajuda ou proteção funda-se no rigor dos juízos. De facto, é em vão que se preparam as armas para rechaçar os ataques inimigos, assim como também é em vão que se chamam os velhos a conselho, se não se repelem os inimigos internos. E os inimigos domésticos e internos são funestos e criminosos e, se lhes for concedida impunidade para os crimes, destruirão muito mais cruel-

ad corporis totius exitium. Qui igitur in periculosis uulneribus dolorem efficit, saepissime sanat; qui omni dolore saucium leuare conatur, interimit.

Similiter censet Sapiens esse Rempublicam gerendam cum malo, hoc est, cum dolore, flagitiorum uulneribus atque contusionibus inusto. Leues namque plagae leuibus remediis sanantur, partes autem grauissimis malis afflictatae nullo modo absque doloribus summis ad sanitatem reuertuntur. Vt igitur in principe nullo pacto crudelitas, sed clementia summa requiritur, ita in summis Reipublicae periculis non dissolutio, sed seueritas efflagitur. Et re uera maior crudelitas excogitari non potest in principe ea qua scelerum impunitate Respublica uniuersa iugulatur.

## CAP. XXI

[1.] *Sicut diuisiones aquarum, ita correptis in manu Domini; quocumque uoluerit inclinabit illud.* [2.] *Omnis uia uiri recta sibi uidetur, appendit autem corda Dominus.* [3.] *Facere iustitiam et iudicium magis placet Domino quam uictimae.* [4.] *Exaltatio oculorum est dilatatio cordis; lucerna impiorum peccatum.*

Praeclara dignitas regis est maiestas excellens atque plane Diuina. Nam et munus Diuinum est, et auxilium quo firmatur, ut munere sibi [842] commisso perfungi cum laude possit, est certe Diuinum. Sed uidendum est quis tandem sit ille qui tanto nomine dignus sit. Non ille profecto qui totus est in cupiditatis dominatu, qui libidini et auaritiae seruit, qui furore et amentia ducitur et denique est a studio pietatis et religionis auersus. Quo pacto enim rex appellari potest, qui est flagitii, furoris et sceleris detestandi mancipium? Nullo enim modo rex est qui liber non est. Praeterea, si rex est is cuius cor in manu Domini est, non potest appellari rex is cuius cor est abalienatum a Deo et ad hostes Domini ipsius adiunctum. Sensus enim et studium carnis, hoc est, libidinis et impuritatis a Dei

mente o Estado do que os inimigos externos. E aqueles devem ser punidos, não com penas leves, mas com os castigos mais severos, para evitar que com o seu contágio a república se precipite inteiramente na perdição. É que, o cirurgião que se preocupa mais em mitigar a dor presente do que em recuperar a saúde, não cura a ferida, mas chama a morte, pois nos ferimentos graves não podem ser salutareos os remédios que não causam dor. De facto, é preciso fazer desaparecer a infeção; é preciso ligar a ferida; é preciso sarjar a podridão e, se a ferida penetrou a fundo, é mister que se abra mais extensamente alguma parte do corpo, para evitar que permaneça ali encerrado o pus, que depois se pode espalhar com perdição do corpo inteiro. Portanto, quem nos ferimentos perigosos causa dor, as mais das vezes cura; quem se esforça por aliviar de toda a dor a pessoa ferida, mata-a.

Semelhantemente, o Sábio considera que a república deve ser governada com o mal, isto é, com a dor que se causa às feridas e contusões das infâmias. É que as chagas ligeiras saram-se com remédios leves, ao passo que as partes afetadas por males muitíssimos graves de forma alguma recuperam a saúde sem dores lancinantes. Por conseguinte, da mesma maneira que de modo algum se requer no príncipe a crueldade, mas sim a máxima clemência, assim nos maiores perigos da república é mister a severidade, e não a relaxação. E de facto não pode imaginar-se maior crueldade no príncipe que esta com que se destrói inteiramente a república por causa da impunidade dos crimes.

## CAPÍTULO XXI

*1. Assim como se fazem os repartimentos das águas, assim o coração do rei se acha na mão do Senhor; Ele o inclinará para qualquer parte que quiser. 2. Todo o caminho do homem lhe parece a ele direito; mas o Senhor pesa os corações. 3. Fazer misericórdia e justiça é mais agradável ao Senhor do que as vítimas. 4. A soberba do coração faz altivos os olhos, a candeia dos ímpios é pecado.*

A ilustre dignidade do rei é uma majestade superior e totalmente divina. Na verdade, não só a função é divina, como também a ajuda, com que é fortalecido, para poder desempenhar com louvor a função [842] que lhe foi cometida, é certamente divina. Mas cumpre que se veja quem é que é ao cabo merecedor de um tão grande título. Não é certamente aquele que está totalmente sob o senhorio da cobiça, que está escravizado à sensualidade e à avareza, que é arrastado pela loucura furiosa e pela insânia e, enfim, se encontra afastado do zelo da piedade e da religião. Na verdade, como pode chamar-se rei quem é servo da infâmia, da loucura e do abominável crime? É que de modo algum é rei quem não é livre. Além disso, se é rei aquele cujo coração se encontra na mão de Deus, não pode dar-se o nome de rei àquele cujo coração está alheado de Deus e se uniu

mente et sententia perpetuo dissidet.<sup>106</sup> Vnde sequitur hominem flagitiosum a Deo minime regi. Quis igitur rex est? Qui iustitiam colit, qui caeleste numen intuetur, qui libidinem coercescit, qui motibus animi turbulentis obsistit, qui mentis statum singulari uigilantia conseruat et ita confert omnes curas et cogitationes in publicam salutem ut numquam oculos a caeli conspectu deiiciat.

At dices: “Vt is sit, qui est in regia sede locatus, nullo tamen modo poterit negotiis innumerabilibus, quae sibi commissa sunt, pro dignitate satisfacere. Alio enim uocat iuris administrandi ratio, alio belli comparandi necessitas, alio plebis infimae querimonia, alio tyrannorum immanitas, quorum cupiditati opus est ut uim suae seueritatis opponat”. “Nihil”, inquit Salomon, “erit facilius. Si enim reuera, et non tantum nomine, rex fuerit, cor illius erit in manu Domini et ab ipso Domino ita dirigetur ut ipsius muneris ratio postulauerit.” Vt enim qui hortum, summa cura consitum, singulari diligentia colendum suscipit, facillime sarculo riuulum accersit et in arbores et olera et plantas deducit, sic Dominus mentem regis in omnes partes deriuat ut nihil patiat ardore Solis aduri. Sic igitur rex, Dei moderatione ductus, pacis artibus incumbet ut bellicas non intermittat; sic bellum comparabit ut iniuriam interim suis inferri minime patiat; sic ad homines se tuendos dabit ut numquam religionis memoriam deponat; sic religioni seruiet ut Rempubicam admodum uigilanter administret; sic denique singulis rebus insistet ut uniuersitatem summa cura, studio, sollicitudine complectatur.

“Quomodo”, inquis, “poterit tam multa negotia sustinere?” Quia “cor eius in manu Domini”. Vt enim ille caelum, terras, maria, supera, media, infima, formas innumerabiles ita regit et temperat ut nihil sit, in omni rerum natura ab illius imperio et rectione derelictum, ita regibus, qui uice illius in terris Diuinum munus exsequuntur, hoc largitus est ut omnibus rebus illorum moderationi commissis prouidentiam impertire possent. Adsciscat rex sapienter muneris socios et in Deo mentem defigat, et sic demum fiet ut, tamquam aquam in riuulos diuisam, rebus omnibus suae potestati permissis, ope Diuini numinis, mentem accommodet.

Quantus error uersetur in uita ex eo perspicitur quod maxima pars hominum se suum officium [843] recte facere statuit et ea uia progreditur qua se beatum fore considit, cum interim se in miseriam sempiternam furenter iniiciat. At illi tantum iter rectum suscipiunt quorum mentes Deus illustrat, quorum corda sibi deuincit et quibus beatae uitae uiam monstrat. Et qui sunt illi tandem quorum Deus ductor est? – Illi certe qui iustitiae muneribus ornati sunt, nullum est enim sacrificium iustitia sanctius, nullum magnificentius, nullum denique quod illi iustissimo Domino possit esse iucundius. “Sacrificate”, inquit Dauid, “sacrificium

<sup>106</sup> Vd. Vulgata, *Rom.* 8, 13.



*Ego, Franciscus Peres Collado, de mandato Reuerendissimi Patris Magistri Sacri Palatii legi librum hunc Commentariorum in Parabolas Salomonis, auctoris Reuerendissimi Domini Hieronymi Osorii, Episcopi Siluensis. In quo nihil reperi quod rectae fidei et sanis moribus repugnet, immo assero in eo multa utilia et erudita contineri, atque ita utile fore iudico ut in lucem prodeat. In quorum fidem hic subscripsi. Die decimo tertio mensis Aprilis, anni 1592.*

*Franciscus Peres Collado.*

Imprimatur.

*P. Ant. Vicesg.*

Imprimatur.

*F. Barth. de Miranda, S. P. M.*

*Eu, Francisco Peres Collado, por ordem do reverendíssimo padre mestre do Sacro Palácio, li este livro de Comentários aos Provérbios de Salomão, da autoria do reverendíssimo senhor D. Jerónimo Osório, bispo de Silves, e nele nada achei que se oponha à perfeita fé e aos sãos costumes, e até afirmo que nele se contêm muitas coisas úteis e doudas, e por isso julgo que será útil que saia a lume,*

*Em fé do que subscrevi aqui o meu nome. 13 do mês de Abril do ano de 1592.*

*Francisco Peres Collado*

*Imprima-se*

*P. Ant. Vicesg.*

*Imprima-se*

*F. Bartolomeu de Miranda,*

*Mestre do sacro Colégio*

## ÍNDICE ONOMÁSTICO<sup>31</sup>

### A

Abraão, 628-629.  
Agur, 534-535, 536-537, 538-539, 544-545, 558-559, 580-581.  
Alcum, 576-577, 578-579.  
Algarve, 5, 6.  
Almeida, Ferreira de, 573.  
Ana, (mãe de Samuel), 610-611, 622-623.  
Anticristo, 318-319, 578-579.  
Antuérpia, 7.  
Atenas, 10-11, 12-13.

### B

Babilónia, 312-313.  
Barbudo, 7.  
Bezabel, 630-631.  
Betsabé, 608-609, 610-611, 630-631.  
Bolonha, 12-13.  
Braga, 7.

### C

Cícero, 255, 520-521.  
Cícero Lusitano (sc. Jerónimo Osório), 5.

Coimbra, 5, 6, 7.

Collado, Francisco Peres, 636.  
Cordeiro (Imolado), 134-135, 158-159.  
Corinto, 10-11, 12-13.  
Crespo, Gonçalves, 7.  
Cristo, 6, 12-13, 28-29, 60-61, 142-143, 238-239, 314-315, 330-331, 338-339, 388-389, 390-391, 446-447, 463-464, 470-471, 534-535, 536-537, 556-567, 560-561, 562-563, 564-565, 566-567, 582-583, 610-611, 616-617, 618-619, 624-625.

### D

Daniel, 312-313, 314-315.  
Davi (= David), 22-23, 78-79, 150-151, 330-331, 338-339, 386-387, 396-397, 400-401, 510-511, 592-593.  
Debora, 622-623.

### E

Egito, 132-133, 312-313.  
Emanuel, 582-583.  
Epicuro, 288-289.

---

<sup>31</sup> Este índice onomástico foi elaborado por Rogério Cardoso, distinto aluno de graduação do DLLP, do ICHL, da UFAM. Aqui se consigna o mais vivo agradecimento a alguém que consorcia raras qualidades de aplicação ao estudo com um genuíno interesse pela língua latina, que fazemos votos logrem plena realização numa carreira académica profícua e brilhante.

Erasmus, 14.

Espírito Santo, 18-19, 44-45, 48-49, 58-59, 152-153, 156-157, 196-197, 286-287, 362-363, 388-389, 390-391, 622-623, 626-627, 630-631, 632-633.

Etéocles, 346-347.

Ezequias, 454-455.

Ezequiel, 366-567.

## F

Fassur, 504-505.

Fenícia, 10-11.

Figueiredo, António Pereira de, 7, 389, 573, 603.

Fúria, 16-17, 348-349.

## G

Gálatas, 28-29.

Galatino, Pietro Colonna, 560-561.

Gedeão, 628-629.

## H

Hesíodo, 219.

## I

Iasub, Saer, 536-537.

Isaías, 62-63, 288-289, 400-401, 420-421, 470-471, 536-537, 560-561.

Israel, 22-23, 584-585.

Itália, 10-11.

Itiel, 534-535, 536-537, 538-539.

## J

Jaque, 534-535, 536-537, 538-539.

Jeremias, 338-339, 498-499, 504-505.

Jerusalém, 582-583.

Jesus, 29-30, 339-340.

Job (= Jó), 5.

José, 312-313.

Judá, 454-455.

## L

Lamuel, 536-537, 580-581, 582-583, 584-585.

Lia, 622-623.

Lisboa, 6, 293.

Lucas, S., 318-319, 458-459, 620-621.

Lutero, 170-171.

## M

Magna Grécia, 10-11.

Manaus, 7.

Marcos, S., 456-457.

Maria (irmã de Moisés), 422-423.

Mateus, S., 194-195.

Média, 312-313.

Melquisedec (= Melquisedech), 576-577.

Mercúrio, 474-475, 476-477.

Miranda, Frei Bartolomeu de, 636-637.

Moisés, 58-59, 144-145, 148-149, 174-175, 450-451, 560-561, 622-623, 628-629.

## N

Nutius, Martinus, 7.

## O

Ooliab, 630-631.

Oseias, 566-567, 585-586.

Osório, D. Jerónimo, 5, 6, 7, 12-13, 14-15, 22-23, 90, 309, 561.

Osório Júnior, Jerónimo, 5, 10-11.

## P

Paleotti, Gabriele, 6, 10-11.

Parra, Pedro, 634-635.

Paulo, S., 29-30, 61-62, 74-75, 88-89, 152-153, 156-157, 290-291, 372-373, 388-389, 416-417, 428-429, 439-440, 466-467, 468-469, 534-535, 538-539.

Pavor, 504-505.

Pedro, S., 214-215, 564-565, 612-613.

- Pinho, Sebastião Tavares de, 2, 3, 5, 7. 476-477, 478-479, 482-483, 484-485,  
 Pinto, António Guimarães, 3. 490-491, 534-535, 536-537, 558-559,  
 Pio XII, 90. 580-581, 582-583, 592-593, 600-601,  
 Polinices, 346-347. 608-609, 610-611, 614-615, 626-627,  
 Pontano, 14. 628-629, 634-635, 636-637.  
 Portugal, 13. Samuel, 610-611, 622-623.  
 Sara, 610-611, 622-623.  
 Satanás, 120-121, 152-153, 242-243,  
 614-615.  
 Sebastião, rei D., 6, 7.  
 Séneca, 297.  
 Sião, 446-447.  
 Silves, 634-635, 636-637.  
 Síria, 10-11.  
 Sócrates, 540-541.
- Q**  
 Quintiliano, 231.
- R**  
 Raquel, 624-625.  
 Rebeca, 622-623.  
 Rodes, 12-13.  
 Rodrigues, M. Augusto, 5, 7.  
 Roma, 5, 7, 12-13, 14-15, 346-347, 414,  
 446, 536, 574, 576, 578.  
 Rómulo, 346-347.
- S**  
 Salomão, 5, 6, 7, 14-15, 20-21, 22-23,  
 26-27, 28-29, 36-37, 48-49, 54-55, 56-  
 -57, 58-59, 60-61, 64-65, 66-67, 78-79,  
 88-89, 112-113, 122-123, 124-125,  
 126-127, 144-145, 176-177, 186-187,  
 194-195, 204-205, 218-219, 246-247,  
 248-249, 260-261, 264-265, 288-289,  
 292-293, 296-297, 304-305, 320-321,  
 330-331, 334-335, 354-355, 386-387,  
 394-395, 402-403, 404-405, 408-409,  
 418-419, 422-423, 446-447, 448-449,  
 450-451, 454-455, 468-469, 472-473,
- T**  
 Tiago, S., 90-91, 330-331.  
 Tosi, Renzo, 297.
- U**  
 Ucal, 534-535, 536-537.
- V**  
 Veneza, 293.  
 Vénus, 98-99, 438-439.  
 Vila Verde, 7.  
 Villela, Dr. José António da Costa Ma-  
 chado, 7.  
 Virgem Maria, 6, 420-421, 560-561,  
 562-563, 564-565, 618-619, 620-621,  
 630-631.

## ÍNDICE GERAL

NOTA PRÉVIA DO TRADUTOR .....	5
TEXTO E TRADUÇÃO .....	9
Carta-dedicatória de Jerónimo Osório, Sobrinho, ao Cardeal Gabriel Paleoto .....	10
Proémio dos Comentários aos Provérbios de Salomão .....	14
COMENTÁRIO AOS PROVÉRBIOS DE SALOMÃO .....	22
Capítulo I .....	22
Capítulo II .....	46
Capítulo III .....	56
Capítulo IV .....	78
Capítulo V .....	92
Capítulo VI .....	106
Capítulo VII .....	128
Capítulo VIII .....	136
Capítulo IX .....	156
Capítulo X .....	176
Capítulo XI .....	196
Capítulo XII .....	214
Capítulo XIII .....	228
Capítulo XIV .....	244
Capítulo XV .....	266
Capítulo XVI .....	284
Capítulo XVII .....	310
Capítulo XVIII .....	332
Capítulo XIX .....	352
Capítulo XX .....	368
Capítulo XXI .....	392
Capítulo XXII .....	410
Capítulo XXIII .....	426
Capítulo XXIV .....	440

Capítulo XXV .....	454
Capítulo XXVI .....	472
Capítulo XXVII .....	488
Capítulo XXVIII .....	504
Capítulo XXIX .....	522
Capítulo XXX .....	534
Capítulo XXXI .....	580
ÍNDICE ONOMÁSTICO .....	639